

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO

SUETÓNIO E OS CÉSARES

TEATRO E MORALIDADE

COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

2003

III. ÍNDICE GERAL

Preâmbulo	i
Informações metodológicas	iii
Introdução	1
1. Suetónio e a tradição biográfica	1
2. Suetónio e a erudição	13
3. Suetónio e as suas fontes	18
PARTE I. A construção das <i>Vidas</i>	41
1. A apresentação ao leitor	45
1.1. <i>Per tempora, per species</i>	45
1.2. <i>Virtutes / uitia</i>	47
1.3. O estilo de Suetónio	50
2. Meios de captação do leitor	59
2.1. Sedução do leitor	59
2.1.1. Sugestão de realismo	59
2.1.2. Rumores e anedotas	61
2.1.3. A força do cómico	64
2.1.4. A intervenção directa do autor no texto	69
2.2. Apelo às emoções	71
2.2.1. A generalização	71
2.2.2. A organização em crescendo	73
PARTE II. A evolução das personagens	85
1. Júlio César: a ambição de reinar	89
1.1. Ascensão em conflito com a aristocracia	89
1.2. Da guerra civil à realização dos sonhos	99
1.3. O homem: retrato, vícios e virtudes	100
1.4. Progressão até ao desenlace	101
2. Augusto: o <i>mimus uitae</i>	109
2.1. A geração do mito	109
2.2. Vingador de César	111
2.3. Meios para atingir o poder	113
2.4. O criador do <i>nouus status</i>	117
2.5. Vida privada: o homem	122
2.6. O deus: um filho de Apolo	126
2.7. O <i>exitus facilis</i>	131
3. Tibério: o "barro amassado em sangue"	135
3.1. A marca de uma estirpe	135
3.2. Infância e juventude atribuladas	136
3.3. Exílio em Rodes	139
3.4. De retorno à vida pública	141
3.5. O <i>impudentissimus mimus</i>	142
3.6. Começo feliz do principado	146
3.7. O velho bode de Cápreas	149

3.8. Avaliação final: <i>naturae uitia</i>	160
3.9. A morte	161
4. Calígula: do príncipe ao monstro	165
4.1. O rebento de Germânico	166
4.2. <i>Caligula</i> : do acampamento até Roma	167
4.3. Das esperanças num príncipe...	169
4.4. ... aos crimes de um monstro	172
4.5. A vida privada do monstro	183
4.6. A morte	186
5. Cláudio: uma augusta comédia	191
5.1. A família	191
5.2. Uma carreira sem dignidade	192
5.3. Imperador carnavalesco	195
5.4. O servo das mulheres e libertos	201
5.5. Vida privada: figura grotesca e báquica	204
5.6. A morte burlesca	210
5.7. Presságios do fim	212
6. Nero: tragédia de um actor no papel de si mesmo	213
6.1. Os vícios da ascendência	214
6.2. Nascimento e infância	215
6.3. O teatro do poder: ostentação de virtudes	217
6.4. A tirania do teatro: infâmia e crime	221
6.5. O último acto	237
6.6. A cena vazia	243
7. Galba, Otão, Vitélio: a incerteza do poder efémero	247
7.1. Galba: do rigor à avareza	249
7.1.1. Uma nova linhagem divina	249
7.1.2. Missão divina de um general austero	250
7.1.3. Imperador cruel, avaro e inconsequente	255
7.1.4. O castigo de Galba	259
7.1.5. Apreciação final	263
7.2. Otão: regeneração pela morte	265
7.2.1. Ascendência: nova nobreza	265
7.2.2. Ascensão de um companheiro de Nero	266
7.2.3. Imperador neroniano	270
7.2.4. A morte heróica	272
7.2.5. O contraste final	273
7.3. Vitélio: A gula e a crueldade	275
7.3.1. Ascendência dúbia	275
7.3.2. A carreira de um glutão	276
7.3.3. Imperador caricatura de Calígula, Cláudio e Nero	278
7.3.4. O castigo ignóbil de Vitélio	282
7.3.5. Interpretação final	285

8. Os Flávios: da salvação do estado ao castigo da tirania	287
8.1. Vespasiano: um avaro espirituoso	289
8.1.1. Origem humilde	289
8.1.2. Nascimento e carreira sem ambições	291
8.1.3. Imperador avaro, mas bem-humorado	298
8.1.4. Um imperador que quer morrer de pé	305
8.1.5. O tempo da dinastia	305
8.2. Tito: o amor e as delícias do género humano	307
8.2.1. Infância e ascensão de um regente	307
8.2.2. Um imperador como antítese de Nero	311
8.2.3. A morte <i>ante diem</i>	313
8.3. Domiciano: o retorno e a extinção da tirania	316
8.3.1. Nascimento e carreira de um irmão menor	316
8.3.2. Domiciano imperador: de empalador de moscas a tirano cruel	319
8.3.3. "Crónica de uma morte anunciada"	327
8.3.4. Físico, carácter e cultura	332
8.3.5. Reacções à morte. <i>Happy ending</i>	334
Síntese da Parte II. Do teatro dos césores ao teatro de Suetónio	337
 PARTE III. A expressão da moralidade nas <i>Vidas dos Césares</i>	363
1. Retratos falantes	367
1.1. Retrato físico	367
1.2. O adorno	379
2. Juízo sobre actos e palavras	383
2.1. Os "freios" de um imperador: a <i>moderatio</i> e a <i>abstinentia</i>	384
2.1.1. Atitude face ao poder: da <i>moderatio</i> à <i>ciuilitas</i> , <i>clementia</i> e <i>pietas</i>	385
2.1.2. Atitude face às riquezas: da <i>abstinentia</i> à <i>liberalitas</i>	393
2.2. A defesa dos bons costumes: a <i>dignitas</i> e a <i>castitas</i>	398
 Conclusão	405
 Bibliografia	409
I. Edições integrais	409
II. Edições parciais comentadas	410
III. Índice suetoniano	411
IV. Estudos	411
 Índices	427
I. Índice de personalidades e lugares históricos	429
II. Índice de autores antigos	441
III. Índice geral	469

INTRODUÇÃO

Ao encetar a tarefa de escrever as *Vidas dos Césares*, Suetónio tem plena consciência do caminho que vai trilhar: sabe o que exclui e o que escolhe. Historiografia e biografia representavam modelos diferentes de abordagem. O método antigo dos *Annales* revela-se desadaptado ao tratamento do governo dos imperadores. Se, durante a República, se fazia história à volta da rotação anual dos cônsules, com o Império, a unidade política é definida pela unidade de tempo da duração do reinado do príncipe. Se, durante a República, prevalecia o registo dos acontecimentos e feitos levados a cabo pela comunidade do *senatus populusque Romanus*, com o advento do Império cresce o protagonismo da figura do *princeps* daquela colectividade: a figura do imperador, com os seus vícios e virtudes, torna-se o principal agente da história — e o registo biográfico assume natural prevalência. Nada se ganha em viver no saudosismo da República, como faz o senador Tácito, numa contraposição moralizadora entre passado e presente, virtude e decadência moral; a administração imperial evoluiu por um caminho que não tem retorno: a extensão do Império assim o exige.¹ Suetónio, cavaleiro e funcionário imperial, é um produto da nova ordem instituída por Augusto, e escolhe um modelo que, à partida, assenta numa tradição diversa da dos historiadores.² Tácito, empenhado na história de Roma do século I, acabara de escrever os *Annales*, género mais elevado; Suetónio opta pela biografia, género mais humilde, mas mais adequado ao governo de um só homem. Por outro lado, o modelo biográfico suetoniano também se distingue do seguido por Tácito no seu *Agricola*.

1. Suetónio e a tradição biográfica

Não seria razoável buscar um modelo único para o método biográfico adoptado por Suetónio. Muitas das características do seu trabalho se encontram em desenvolvimento ao longo da história da literatura greco-latina. Entre os precursores da biografia em prosa, podem contar-se, além da saga heróica, as formas líricas que se concentram no tratamento de uma personalidade: hinos, ditirambos, cantos fúnebres, encómios, epinícios, elegias. Discursos e cantos fúnebres são potenciais biografias. A própria tragédia, enquanto «representação de vidas e discursos de heróis», como a define o lexicógrafo,³ será a transformação da biografia sagrada em forma dramática.⁴

¹ Cf. BRADLEY, K. R. 1985b, 265.

² Sobre a adequação da biografia à história dos imperadores, vide SYME, R. 1980, 104-128; GRIMAL, P. 1986, 729-130; GIUA, M. A. 1990, 535-559.

³ *Etymologicon magnum* 763.58.

⁴ Como afirma STUART, D. R. 1928, 15-16. Uma das teorias da origem da tragédia prende-se com a comemoração de personalidades singulares: celebrações miméticas junto aos túmulos de heróis, cantos fúnebres, ritos de culto dos antepassados; Vide STUART, D. R. 1928, 16-18, que cita os defensores desta teoria, em voga no seu tempo: CRUSIUS (1904); RIDGEWAY (1910); NILSSON (1911); DIETERICH (1908); PFISTER (1916).

Em meados do século V, os escritos biográficos aparecem na mesma altura em que surgem os primeiros livros de geografia, genealogia e história política. O poeta Íon de Quios escreve, na primeira pessoa, sobre personalidades que conheceu (como o seu encontro com Sófocles e Péricles), e não negligencia curiosidades que farão as delícias da biografia. Nos fragmentos sobreviventes do seu trabalho (*Epidemiai*), Íon manifesta interesse por contemporâneos ilustres, gosto do anedótico e do pormenor realista, e chega ao ponto de inserir traços físicos.⁵ Hecateu de Mileto, geógrafo e genealogista, apresenta, de igual modo, relatos na primeira pessoa e interessa-se pelas genealogias orientais. Cílix de Carianda, além de escrever, com um cunho autobiográfico, sobre explorações geográficas, compôs uma biografia de Heraclides, tirano de Mílasa. Segundo Momigliano, tal facto deve-se à influência persa, em cujo território a autobiografia estava na moda.⁶ Estes três escritores vivem na zona de influência oriental: Íon e Hecateu na Jónia, Cílix viaja pelo golfo Pérsico. Sofrem influência das crónicas de reis, de carácter autobiográfico.⁷ Mas tal como o poeta Íon, também o prosador Estesíbroto, natural de Tasos, no Egeu, regista a impressão que lhe causaram figuras dominantes da vida pública ateniense do seu tempo. No seu trabalho, sobre Temístocles, Tucídides (filho de Melésias) e Péricles, Estesíbroto refere costumes pessoais, pormenores anedóticos, explora o episódico e o sensacional, faz citações directas e mistura vida privada com vida pública. Neste sentido, Estesíbroto apresenta-se, já no século V, como um precursor do *Evágoras* de Isócrates e do *Agésilau* e dos *Memoráveis* de Xenofonte. Além disso, inclui nos seus trabalhos registos biográficos de poetas do passado⁸ — um currículo que lembra o de Suetónio, embora Estesíbroto não escreva sobre grandes políticos do passado (como faz com os poetas). Stuart aponta razões religiosas e cívicas para a resistência dos Gregos à biografia dos políticos: — a

Desta sorte, a biografia apresentar-se-ia, no seu início, em íntima relação com uma representação mimética e teatral. objecta-se que esta teoria, além de não explicar os problemas implícitos na origem da tragédia, enferma do facto de tal género não evocar os heróis mortos, enquanto mortos, uma vez que, por essência, se alimenta das desgraças que viveram, ao ponto de os devolver momentaneamente à vida, como afirma VARA DONADO, J. 1996, 14. Mas esta crítica não põe em causa, antes reforça, o ponto de intersecção entre o objecto da tragédia e o da biografia, em que a morte é apenas o complemento ou o culminar de uma conduta: quer num caso, quer noutro, mantém-se uma certa conexão entre drama e biografia. Opinião diferente tem MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 38-39: para este autor, contar a vida, do nascimento à morte, é o oposto da atitude trágica. Também considera problemática a relação entre biografia e comédia, pois, embora as comédias de Aristófanes contenham muito material biográfico e autobiográfico, não deram nenhum contributo especial para as biografias de Cléon, Sócrates ou Eurípides.

⁵ Como no caso de Címon (fr. 6): cf. STUART, D. R. 1928, 35; 43.

⁶ Vide MOMIGLIANO, A. 1990, 5-16. Este autor lembra que, ao contrário dos Gregos, os Persas, para estabelecerem direitos legais, davam muita importância à citação de documentos. Tucídides, o primeiro historiador grego conhecido a copiar documentos dos arquivos, apresentará muitos relativos à Pérsia. Ora os Gregos não estão preocupados com documentos que garantam os direitos dos soberanos como os Judeus, sob domínio persa, os Selêucidas e os Romanos. Vide ID. 1993 (1971), 33-38.

⁷ O rei Dario tem uma espécie de *Res gestae*, materializada na inscrição de Behistun. Muito do material biográfico de Heródoto e Tucídides provirá da zona de influência persa: a leitura destes historiadores sugere que, na zona da Ásia Menor e da Jónia, é mais vivo o interesse por pormenores de carácter biográfico do que na cultura grega.

⁸ Vide STUART, D. R. 1928, 44-49; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 28-33.

ideia da exaltação do estado prevalece sobre o indivíduo.⁹ Neste ambiente floresce a história, de que são testemunho as obras de Heródoto e Tucídides.¹⁰

Tanto quanto se sabe, à parte a vida de Heraclides, tirano de Mílasa, da autoria de Cílix, a biografia propriamente dita dá os primeiros passos na Grécia do século IV,¹¹ sob a forma de *encomium* em prosa, como é o caso do *Evágoras* de Isócrates e do *Agesilau* de Xenofonte.¹² Ao contrário do lamento fúnebre, o *encomium* põe o seu foco na vida. A estrutura mais ou menos fixa, as preocupações retóricas e os pormenores anedóticos não servem a intenção de fazer uma obra histórica, mas de elogiar o herói e, através da exposição das suas virtudes, apontá-lo como modelo para os concidadãos. Omitem-se os pormenores não dignificantes, como o assassínio da figura elogiada.¹³ Tanto o *Agesilau* como o *Evágoras* se concentram no carácter como algo acabado, que se manifesta desde criança; tanto um como o outro pressupõem que os traços da personalidade são iluminados pelos feitos. Mas enquanto Isócrates, em vez de agrupar os feitos sob virtudes específicas, mistura a parte descritiva na narrativa,¹⁴ Xenofonte separa-as: depois de uma narrativa cronológica inicial dos feitos de Agesilau, em que pontua o discurso com expressões de aprovação (1), Xenofonte passa a uma exposição através de rubricas, encabeçadas por virtudes, sob as quais cataloga o seu material exemplificativo (2-9). *Agesilau* integra pormenores da vida privada, não por simples curiosidade, mas para ilustrar qualidades morais.¹⁵ Procuraremos demonstrar que também

⁹ Vide STUART, D. R. 1928, 49-55. Sintomático é o facto de os inimigos de Fídias o acusarem de colocar, no combate contra as Amazonas, figuras masculinas com os traços do artista e os de Péricles — uma profanação da glória do divinizado Teseu (Plutarco, *Per.* 31); e de os Gregos apagarem, segundo Tucídides, o dístico da trípode oferecida por Pausânias a Febo — onde o general celebrava o seu comando na vitória sobre o inimigo persa, e se apresentava como autor da oferta votiva — e escreverem os nomes das cidades que participaram na empresa e na dedicação da trípode (Tucídides, 1. 132). E Demóstenes, no século IV, há-de lamentar o costume do seu tempo de atribuir a honra da vitória a um general, em vez de à comunidade no seu todo (23.198).

¹⁰ Mas gradualmente irá desaparecer esta supremacia do colectivo sobre o individual. No século IV, o homem já não é visto tanto como elemento do estado, mas mais como um indivíduo: o realismo da arte de Praxíteles e Lisipo reflecte esta nova atitude. As escolas de retórica e as escolas filosóficas desenvolvem a arte de falar do indivíduo, seja ele um terceiro, ou seja o próprio sujeito da enunciação. Os retóricos exploram o *encomium*; os filósofos, a biografia idealizada de monarcas e filósofos. Vide STUART, D. R. 1928, 128-129; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 102.

¹¹ Embora MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 23-28 e 32-33, acentue a possibilidade de já no século V existir uma biografia, enquanto registo de uma vida desde o nascimento até à morte. Este autor (44-45) comenta a descontinuidade entre as tentativas do séc. V e a actividade biográfica do séc. IV.

¹² Uma *quasi* biografia, nas palavras de STUART, D. R. 1928, 19. Isócrates apresenta o seu trabalho como directo descendente do *encomium*, e Xenofonte acentua que o seu *Agesilau* é um louvor, não um lamento pela morte do monarca espartano (*Ages.* 10.3).

¹³ Cf. STUART, D. R. 1928, 63, 77-78. Isócrates (*Ev.* 71) omite o assassínio de Evágoras: diz que ele viveu uma longa vida e escapou às enfermidades. A deficiência física de Agesilau (era coxo) determina a omissão do aspecto físico, enquanto a beleza e robustez física, crescentes, em Evágoras, à medida que ele se tornava um homem (22-23), permitem cumprir o requisito do retrato físico.

¹⁴ Isócrates considera-se, no prólogo do *Evágoras*, pioneiro da transposição para prosa do *encomium*, que era em verso; mas parece tratar-se de um lugar-comum, com muitos paralelos na literatura clássica: um virtuosismo de retórica para engrandecer a própria obra, como demonstra STUART, D. R. 1928, 91-118. Diz também este autor (57-59; 69) que Isócrates e Xenofonte são herdeiros do modelo retórico de Górgias. Pelo contrário, MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 49-50, segue a ideia tradicional de que o *Evágoras* de Isócrates serve de modelo ao *Agesilau* de Xenofonte.

¹⁵ Sobre o conteúdo e as características retóricas do *Agesilau* de Xenofonte e do *Evágoras* de Isócrates, vide STUART, D. R. 1928, 60-90; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 49-52. Nota WALLACE-HADRILL, A. 1984, 71: «It is merely perverse to suggest that when Suetonius employed the same scheme on emperors, because it was a non-narrative method it must have been the product of the scholarly biographical tradition».

Suetónio não cede simplesmente às curiosidades (ao contrário do que afirma Stuart, na linha de opinião corrente),¹⁶ mas coloca esses pormenores ao serviço da imagem moral que, sobre o biografado, pretende transmitir ao leitor.

Mas outras aproximações à biografia ocorrem na mesma época. Entre elas, outra obra de Xenofonte, os *Memoráveis* (*Apomnemoneumata*, cuja tradução latina mais adequada seria *Commentarii*): aí encontramos uma compilação das conversas filosóficas de Sócrates, referências ao seu aspecto físico, à sua vida frugal e gostos simples e às suas actividades diárias. Trata-se de uma defesa de Sócrates, que apresenta mais um desenvolvimento dos pensamentos do filósofo, aplicados ao contexto político do tempo, do que as palavras do próprio (procedimento também usado na *Apologia de Sócrates*). A presença da ficção na biografia é uma tendência desenvolvida igualmente na *Ciropedia*, na qual Xenofonte não tem a intenção de descrever a pessoa histórica, mas de compor uma biografia romanceada, que apresenta Ciro como o produto de uma educação ideal. A coroar a vida deste modelo de reis, sobrevém uma morte serena e sábia, entre considerações sobre a imortalidade da alma.¹⁷ Nestas obras, a mensagem a transmitir (as ideias socráticas) sobrepõe-se à verdade histórica, e a novela ganha lugar na biografia.¹⁸ Pelo contrário, pressupõe-se que a história relata exclusivamente a verdade.

Além destas "experiências" de biografia,¹⁹ também a historiografia, embora privilegie os sucessos políticos, ao reconhecer a importância do indivíduo, parece, por vezes, cruzar-se com a biografia: Teopompo, nas *Filípicas*, centradas, como o nome indica, em Filipe da Macedónia, inclui referências aos vícios e virtudes, e digressões sobre pormenores considerados biográficos. Éforo, nas histórias de Alexandre e nos *Diádocos*, apresenta excertos de historiografia centrada em indivíduos. Xenofonte inclui, na *Anábase*, retratos de generais.²⁰

Aos peripatéticos se tem atribuído a fama do aperfeiçoamento da biografia.²¹ Em resultado do interesse pelos caracteres, estas *Vidas* centram-se na análise dos tipos humanos. Surge, assim, a distinção dos vários géneros de vidas. A caracterização da pessoa, já contida no *encomion*, torna-se mais objectiva: uma biografia formal. Não será por acaso que se incluem nesta escola filosófica três dos quatro biógrafos gregos considerados precursores do *De uiris illustribus* de Suetónio, segundo nos diz Jerónimo, no prefácio do seu livro homónimo: Hermipo, Sátiro e

¹⁶ Cf. STUART, D. R. 1928, 76.

¹⁷ Contrariamente ao testemunho de Heródoto, 1.214, segundo o qual Ciro morreu em combate.

¹⁸ Vide STUART, D. R. 1928, 33-35; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 52-57.

¹⁹ Assim designa MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 62-64, os registos biográficos e autobiográficos anteriores aos peripatéticos.

²⁰ Políbio, 16.7-9, critica Teopompo por incluir relatos inverosímeis e prodígios; e acusa Éforo e Teopompo (juntamente com Timeu) de usarem a imaginação para suprir a falta de conhecimentos militares (12.25 f-h). Cf. ULLMAN, B. L. 1942, 32.

²¹ Entre os seguidores desta escola, a biografia tende a reflectir o interesse pela pesquisa histórica e pela filosofia ética, na linha do livro IV da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles e do impulso do estudo dos caracteres, cujo seguidor mais célebre é Teofrasto. Sobre a biografia designada por peripatética, vide STUART, D. R. 1928, 119-154; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 65 ss.

Aristóxeno (Antígono de Caristo, nomeado em segundo lugar, é um académico). Aristóxeno de Tarento (nas palavras de Jerónimo, *longe omnium doctissimus*), discípulo de Aristóteles da primeira vaga, escreve as suas *Vidas de homens*, que incluíam *Vidas* de Pitágoras, Sócrates e Platão: tem sido considerado, por isso, o introdutor da chamada biografia peripatética.²² Mas outros autores, não indicados por Jerónimo, floresceram entre a primeira geração dos discípulos de Aristóteles, como Clearco, Dicearco de Messene e Fénias de Éreso. Clearco escreve um *encomium* de Platão; e mostra que, paralelamente, aquele antigo género continua popular. Dicearco, representante da aplicação da noção de *bios* a uma nação, expõe a *Vida da Grécia*. Fénias, também discípulo de Aristóteles, escreve sobre *Tiranos da Sicília*,²³ com intuítos éticos e admonitórios: para demonstrar os excessos do absolutismo, os tiranos são usados como exemplos de vida sumptuosa. Townend, com base em uma observação de Stuart, propõe Fénias de Éreso como possível modelo de Suetónio, com um argumento que nos parece precário: porque escreveu vidas não só de poetas e filósofos, mas também de tiranos da Sicília, sem cair no habitual tom de panegírico.²⁴

A biografia peripatética tende a obedecer a um esquema mais ou menos fixo: nascimento, juventude e carácter, realizações e morte — momentos acompanhados de reflexão moral. De modo diferente dos encomiastas, que se debruçam sobre figuras do seu conhecimento pessoal (ou figuras lendárias, cujo tratamento era apenas retórico), para os peripatéticos são biografáveis tanto figuras de um passado distante como contemporâneos.²⁵

Apesar de mais verídica e realista que o *encomium* — pois tem em conta os aspectos negativos, faz um retrato físico mais sistemático, refere o vestuário e os gostos pessoais —, é corrente (com base em preconceitos modernos) criticar-se a biografia peripatética por valorizar pouco a cronologia e descurar o contexto, por se polvilhar de anedotas, de pitoresco e divagações, só para divertir o leitor,²⁶ por dar crédito a lendas, aceitar material de fontes

²² STUART, D. R. 1928, 129-132 e 135, contesta tal atribuição e prefere classificá-lo como membro de um grupo que é o resultado de um processo evolutivo. MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 73-76, considera-o um aristotélico não convencional, que parece nutrir mais simpatia por Pitágoras (de cujos seguidores fizera parte) do que por Sócrates, Platão ou Aristóteles. Acrescenta que Aristóxeno terá sido o primeiro a tornar as anedotas uma parte essencial da biografia.

²³ MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 77-79, duvida de que se trate de verdadeira biografia: crê que será antes uma colecção de anedotas. Para este autor, Aristóxeno, de acordo com os nossos conhecimentos, não tem rival como biógrafo entre a primeira geração de peripatéticos, o que está de acordo com a informação que nos dá Jerónimo sobre os predecessores de Suetónio.

²⁴ Cf. TOWNEND, G. B. 1967, 81-82 e n. 11. STUART, D. R. 1928, 132-134, menciona a obra *Tiranos da Sicília* como precursora dos *Césares* de Suetónio, e não como modelo. CIZEK, E. 1977, 27 n. 95, pelo contrário, diz que nada justifica a hipótese de que Fénias seja o modelo de Suetónio, nem que este siga o modelo alexandrino.

²⁵ Cf. STUART, D. R. 1928, 156. Além disso, não se faz biografia apenas de políticos e gerais, mas de tiranos, artistas, filósofos e poetas: Sátiro escreveu *Vidas* de monarcas, políticos, oradores, poetas e filósofos, entre as quais uma *Vida* de Eurípides, recentemente descoberta; Hermipo de Esmirna é autor de um vasto trabalho sobre filósofos, poetas e legisladores; Aristóxeno inclui no seu currículo *Vidas* de tocadores de flauta; e Dúris de Samos, pertencente à geração que se seguiu à de Aristóxeno e confesso discípulo de Teofrasto, escreveu *Vidas* de pintores.

²⁶ Por exemplo, Diógenes Laércio, 3.4, na sua vida de Platão, cita Dicearco, que coloca Platão a competir, como lutador, nos jogos Ístmicos.

duvidosas.²⁷ O topos dos portentos que se geram à volta do nascimento, como prenúncio do brilhante futuro, torna-se um lugar-comum, transmitido, entre outros, acriticamente. O rigor histórico não era essencial. É curioso que Dúris se afaste da distinção aristotélica entre poesia e história e acuse Éforo e Teopompo de serem inferiores aos factos que narram, por falta de *mimesis* e *hedone* na sua escrita.²⁸ Ora, para Aristóteles (*Po.* 1459a 17ss), a *hedone* é resultante da unidade de acção que distingue precisamente a mimese épica e trágica da narrativa histórica. A *Vida de Eurípides* de Sátiro, escrita em forma de diálogo, insere-se, contra o que seria de esperar, numa tradição literária e parece revelar o intuito de importar a atmosfera dramática para a biografia, a fim de a tornar mais viva.²⁹

A escola peripatética tem o mérito, no entanto, de desenvolver a biografia: delinea os seus métodos e os tópicos.³⁰ Stuart demonstra que, na *Vida de Eurípides* de Sátiro, já está presente o esquema organizativo que encontramos nas *Vidas* de Suetónio — a organização cronológica abreviada, no início e na parte final; categorias em vez de cronologia no delineamento da figura ao chegar à idade adulta —, bem como os tópicos essenciais de abordagem; mas, acrescenta Stuart, Sátiro não seria certamente o único a usar tal esquema.³¹ Também é verdade que esta biografia transmite informação relevante sobre a cultura humana e inicia a discussão sobre as fontes e influências dos filósofos e homens de letras.³²

Se os peripatéticos são largamente responsáveis pelo desenvolvimento deste género de biografia, a prática não se confina àquela escola: um dos seus famosos cultores foi, como dissemos, o filósofo académico Antígono de Caristo (um dos mencionados precursores de Suetónio) que escreveu sobre filósofos.³³ Sátiro e Hermipo, embora sejam considerados peripatéticos, trabalham principalmente em Alexandria. Em relação à biografia helenística, as dúvidas são mais que as certezas. A biografia parece existir autonomamente ao longo da história e ser aproveitada, com os mais diversos fins, pelas várias correntes de pensamento,

²⁷ Multiplicaram-se as colecções de anedotas: Fénias tem livros deste género sobre a morte de homens ilustres que antecipam o trabalho de Titínio Capitão, no século I d. C. Aristóxeno não se livra da reputação de amator de escândalos: teria afirmado que Sócrates era licencioso, sujeito a ataques de fúria e bigamo. Mas há quem considere Aristóxeno um precursor dos métodos realistas modernos, e a sua obra o primeiro desenvolvimento da biografia psicológica, pelo que o seu retrato de Sócrates seria o contrapeso realista dos retratos idealizados de Platão e Xenofonte: vide STUART, D. R. 1928, 138-143. O fragmento descoberto de Sátiro revela os seus méritos como estilista, mas uma ausência total de espírito crítico: afirma que Eurípides foi devorado pelos cães de Arquelau. Hermipo, nos fragmentos conservados em Diógenes Laércio, mostra gosto do escândalo, do sensacionalismo, e quase completa indiferença em relação ao apuramento da verdade.

²⁸ Vide ULLMAN, B. L. 1942, 38-39; FOUCHER, A. 2000, 776-777. Para ULLMAN, a acusação de Dúris equivale a dizer (através de palavras aristotélicas e um pensamento não aristotélico) que falta tragédia ao relato histórico de Éforo e Teopompo.

²⁹ Como sugere STUART, D. R. 1928, 179. De facto, Aristóteles, *Po.* 1447 b 10-11, menciona os mimos e os diálogos socráticos como géneros fautores de mimese (por meio da linguagem) em prosa.

³⁰ O historiador, retórico e antiquário Neantes, e sobretudo Hermipo e Sátiro, incarnam uma progressão na biografia em direcção a uma arte independente e objectiva: torna-se uma profissão literária; vide STUART, D. R. 1928, 159-165.

³¹ Vide STUART, D. R. 1928, 185-186.

³² O que abre a porta às acusações de plágio: Aristóxeno, fr. 33, afirma que Platão copiou inteiramente a *República* das *Contradictiones* de Protágoras. Além disso, Sátiro deduz muitos dos pormenores biográficos sobre Eurípides a partir das tragédias deste autor, o que é um método caracteristicamente peripatético, como assinala MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 80-81; cf. p. 70.

³³ Sobre os temas da obra de Antígono, vide MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 117-118.

cuja marca vem, por fim, a ostentar, seja a influência socrática, peripatética, acadêmica, alexandrina ou outra.

Podemos encontrar também vestígios da evolução de uma biografia propriamente itálica.³⁴ A biografia latina parece nascer para ilustrar o provérbio: *de mortuis nil, nisi bonum*. As *neniae*, primitivos lamentos fúnebres, integravam referências às virtudes do defunto. As canções de banquetes, *carmina conuiuialia*, segundo nos diz Cícero,³⁵ existiram até ao tempo de Catão e celebravam as virtudes dos heróis desaparecidos. Típico de um *atrium* romano, e manifestação da *pietas* familiar, são as *imagines* dos antepassados, acompanhadas dos *tituli* que as identificam e enumeram os cargos e as honras militares das pessoas representadas: este género reúne, assim, elementos gerais da biografia: antepassados, descendentes, honras e aparência física. O *titulus* e o *elogium* constituíam sínteses epigráficas: o esqueleto biográfico desenvolvido pelas *laudationes funebres*. Estas adquirem forma literária, ganham um elevado estilo de oratória que faz lembrar o *encomium* grego, aproximam-se das normas de uma biografia formal e tornam-se uma verdadeira instituição romana durante a República e o Império. Entre os elogiados contavam-se mulheres ilustres: Júlio César faz o elogio da tia Júlia; e Octávio, da avó Júlia, irmã de César.³⁶ Como se verifica pelo conteúdo do discurso de César em louvor da tia, transmitido por Suetónio, e do de Nero em louvor de Cláudio, segundo o testemunho de Tácito,³⁷ a *laudatio* inclui o elogio dos antepassados do extinto, como tópico essencial do início do discurso, tal como já acontecia no *encomium* grego; e, no tocante ao defunto, refere o seu *cursus honorum* e as *res gestae*. Devia certamente referir pormenores tanto da vida pessoal e doméstica como da carreira pública. Esta forma cresceu em Roma, independentemente da influência grega, mas com um percurso paralelo. A continuidade desta prática literária resulta da preservação das *laudationes* nos arquivos de família e do seu uso como modelos e fontes de futuros trabalhos.³⁸ Trata-se de uma forma de exaltação moral que influenciará a biografia romana.

A biografia, como género, existe em Roma desde o tempo de Gaio Graco.³⁹ Vários políticos tentaram a autobiografia.⁴⁰ Dois cultores são mencionados por Tácito (Ag. 1): M. Emílio Escauro e P. Rútílio Rufo, que se debruçavam não só sobre os *facta*, mas também sobre os

³⁴ Vide STUART, D. R. 1928, 189-220.

³⁵ *Tusc.* 4.2.3; *Brut.*, 19.75. Segundo MOMIGLIANO, A. 1990, 92-93, as canções de banquete poderão ter desaparecido devido à legislação contra os *mala carmina*, talvez por terem degenerado em canções para ferir inimigos.

³⁶ Suetónio, *Jul.* 6.1; *Aug.* 8.1.

³⁷ *Ann.* 13.3.1. Tácito conta que, enquanto Nero elogiava os antepassados de Cláudio, a cultura do defunto e a segurança externa do estado durante o seu principado, todos o escutavam com gravidade, mas quando passou a elogiar a *providentia* e a *sapientia* do imperador, ninguém foi capaz de conter o riso, apesar da elegância do discurso, que fora composto por Séneca.

³⁸ Como afirma STUART, D. R. 1928, 240.

³⁹ Vide BARDON, H. 1952, 108-115; BADIAN. E. 1966, 13-26.

⁴⁰ Mas, como nota MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 14, o que existia na antiguidade era a noção de *vida*: a palavra "autobiografia" é uma invenção moderna. Os Romanos escreviam *De uita sua*.

mores. Abundam os *Commentarii de uita sua*, durante a República e o Império: Augusto compõe, além das *Res gestae*, treze livros *De uita sua*; Tibério e Cláudio fazem o mesmo. Uns e outros terão encontrado os tópicos de desenvolvimento já formulados nas *laudationes*.⁴¹ Foram libertos os principais autores da antiga história da biografia romana.⁴² A biografia memorial de um protector, de um amigo ou de um familiar é vista em Roma como uma forma de *laudatio*: tal é o caso, no Império, da biografia de Peto Trásea, da autoria de Aruleno Rústico, e de Helvídio Prisco, da autoria de Herénio Senecião.⁴³

O problema de um modelo a designar para a biografia suetoniana tem suscitado diversas tentativas de solução. Houve quem, desejoso de acentuar a originalidade romana, tentasse provar que, para a formulação das rubricas, Suetónio se inspirou nas secções das *Res gestae* de Augusto, não na forma monumental, mas na versão documental que encontrava nos arquivos.⁴⁴ Parece mais lógico supor que Suetónio seja o herdeiro de uma longa tradição do que siga um modelo único, e que adopte elementos tradicionalmente gregos e tradicionalmente romanos:⁴⁵ Suetónio era um conhecedor da cultura helénica e escreveu monografias em grego; mas também prezava, como veremos, a restauração de antigos costumes romanos. O próprio biógrafo, segundo o testemunho de Jerónimo,⁴⁶ indica uma lista — ilustrativa, decerto, não exhaustiva⁴⁷ — dos seus predecessores gregos e latinos, o que contribui para equilibrar a balança das influências e das lutas entre a originalidade latina e a imitação dos Gregos: entre os latinos, menciona Varrão, Santra, Higino e Cornélio Nepos.

M. Terêncio Varrão é autor de uma obra monumental, na linha dos tradicionais arquivos dos átrios: *Imagines* ou *Hebdomades*, talvez a mais antiga obra ilustrada da antiguidade.⁴⁸ Transfere, assim, para a esfera pública da erudição uma matéria que era privada: as *imagines* das famílias aristocráticas.⁴⁹ De Santra pouco se sabe.⁵⁰ Mas, além de biógrafo, era

⁴¹ Segundo LEWIS, R. G. 1991, 3650-3652, há razão para crer que M. Escauro, nos três livros *De uita sua*, Sula, nos seus vinte e dois livros sobre a sua carreira, e Augusto, nos *De uita sua*, seguiram o modelo oratório das *laudationes*, apresentado por Cícero nos discursos forenses.

⁴² Cornélio Epicado completou a autobiografia de Sula: cf. Suetónio, *Gram.* 12 Voltacílio Pitolau celebrou, ao modo biográfico, as façanhas de Pompeio Magno e do pai deste, Pompeio Estrabão: cf. Suetónio, *Rhet.* 27; sobre a identidade deste biógrafo, vide LEWIS R. G. 1966, 271-273; TREGGIARI, S. 1969, 264-266. Tiro foi liberto e biógrafo de Cícero; Júlio Máximo escreveu registos da vida de Augusto, em que referia aparência física e presságios relacionados com o nascimento, como se lê em Suetónio, respectivamente *Aug.* 79.2 e 94.3. Vide BARDON, H. 1952, 270-276; BALDWIN, B. 1983, 66-68.

⁴³ Vide STUART, D. R. 1928, 221-253; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 92-96.

⁴⁴ Teoria de NIESSEN (1886), exposta por STUART, D. R. 1928, 226-227; cf. GIUA, M. A. 1990, 543.

⁴⁵ STUART, D. R. 1928, 232, segue esta opinião de compromisso: «I am persuaded that the manner of Suetonian biography is as much Roman as Greek, as truly autogenic as mediated».

⁴⁶ Jerónimo, no prefácio ao seu próprio *De uiris illustribus* (frag. I Reifferscheid).

⁴⁷ Como observa STUART, D. R. 1928, 135. A divisão simétrica do cânone dos predecessores em quatro gregos e quatro latinos será, segundo este autor (p 193), devida, em parte, aos métodos de organização de Suetónio.

⁴⁸ Composta por quinze livros, continha setecentos retratos de homens célebres, acompanhados, para cada caso, de um epigrama de louvor e resumo da vida e obra. O texto poético seria completado com discussões eruditas em prosa, como notas de rodapé. Aulo Gélcio, 3.11, refere discussões sobre a cronologia de Homero e Hesíodo.

⁴⁹ Ali figuravam gregos e romanos, incluindo não só homens de letras, mas também monarcas, políticos, comandantes, artistas. Também escreveu três volumes de autobiografia: *De uita sua*. No *De poetis* daquele

tragediógrafo.⁵¹ Quanto a Higino, Suetónio menciona-o de passagem, em *De grammaticis*, sem citar os seus escritos.⁵² Cornélio Nepos, membro do círculo de Pompónio Ático, além de ser autor de três livros de história universal, antecipou Plutarco: teve a ideia de escrever uma colecção de biografias em que comparava gregos e romanos; incluía mesmo alguns cartagineses e persas.⁵³ Revela consciência da distinção entre história e biografia.⁵⁴ Um traço da erudição helenística é o gosto que Nepos mostra de incluir cartas nas suas biografias, como fará o seu seguidor. Na linha da tradição peripatética, escreve para divertir e moralizar: característica que também Suetónio apresenta. Mistura os capítulos relativos à vida privada com os da vida pública e os que seguem a ordem cronológica com os de carácter sistemático.⁵⁵ Varrão, Santra, Higino, Cornélio Nepos têm em comum a versatilidade e a erudição continuadas, do lado grego, por Nicolau de Damasco⁵⁶ e Plutarco e, do lado latino, por Plínio-o-Velho, Titínio Capitão e Suetónio. Varrão e Nepos interessam-se pelo confronto entre Gregos e Romanos, o que será seguido por Plutarco. A este cabe, no prefácio ao seu *Alexandre*, distinguir a historiografia da biografia: enquanto aquela relata as grandes empresas, a biografia prende-se com factos menores, como uma simples palavra ou gesto — historicamente pouco significativos, mas mais importantes para iluminar o carácter do que grandes batalhas, preparativos militares, assédios de cidades. Plutarco desculpa-se, deste

polígrafo poderá Suetónio ter encontrado inspiração para o seu *De uiris illustribus*. Vide BALDWIN, B. 1983, 79 e 83; JENKINSON, E. 1967, 4-5; ; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 96-97.

⁵⁰ Suetónio conheceria, por certo, o juízo de Marcial, 11.2.6: *lectores tetrici salebrosum ediscite Santram*. Também Quintiliano, 11.2.46, refere a sua *resistens ac salebroso oratio*. Santra terá provavelmente contribuído com um *De uiris illustribus* ou um mais restrito *De poetis*, ou até com ambos, uma vez que Suetónio o refere em *Ter.* 4, e *Gram.* 14.4; vide BALDWIN, B. 1983, 83-84.

⁵¹ Cf. BARDON, H. 1952, 297-298 e 328.

⁵² *Gram.* 20. Vide com. de KASTER, R. A. 1995, 205-214. Aulo Gélio, 1.14.1; 1.21.2; 16.6.14, louva o seu trabalho de *grammaticus* e diz que ele escreveu seis volumes de *De uita rebusque inlustrium uirorum*. Vide BALDWIN, B. 1983, 84.

⁵³ Da colectânea sobrevive, completa, a parte dos generais estrangeiros, além de duas vidas (*Catão Maior* e *Ático*) e alguns fragmentos da parte dos historiadores. Além disso, imitou Varrão, ao publicar uma espécie de album de homens ilustres, cujos retratos eram acompanhados de um epigrama. O seu *De uiris illustribus* e as suas vidas de Catão e de Cícero serão fontes de Suetónio.

⁵⁴ *Pel.* 1.1: *Pelopidas Thebanus, magis historicis quam uulgo notus. Cuius de uirtutibus dubito quem ad modum exponam, quod ueeor, si res explicare incipiam, ne non uitam eius enarrare, sed historiam uidear scribere*. Nepos parece aludir ao conceito de subalternidade atribuído à biografia: *Prol.* 1.1: *Non dubito fore plerosque, Attice, qui hoc genus scripturae leue et non satis dignum summorum uirorum personis iudicent, cum relatum legent, quis musicam docuerit Epaminondam aut in eius uirtutibus commemorari, saltasse eum commode scienterque tibiis cantasse* — mas o problema reside na estranheza ou reprovação que os costumes gregos possam despertar em confronto com a *grauitas* romana. Vide TUPLIN, C. 1979, 124-142; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 99 n. 40; GIUA, M. A. 1990, 536-537.

⁵⁵ Afirma WARDLE, D. 1994, 18: «The overall structure of *Atticus* anticipates that of *Diuus Iulius*, *Augustus* and *Caligula*, so it seem that Nepos offered a basic structure which Suetonius could adapt for his emperors». Mas só a estrutura, porque Nepos é encomiástico. Cf. STUART, D. R. 1928, 228. Nas vidas de *Epaminondas*, *Agesilau* e *Ático*, tenta fazer uso da retórica e de um estilo elevado, prática que tem como antecedentes o *encomium* grego e a *laudatio* latina. Vide JENKINSON, E. 1967, 1-15; CIZEK, E. 1977, 28-29; TUPLIN, C. 1979, 145-151; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 97-99.

⁵⁶ Nicolau de Damasco, contemporâneo de Augusto, é autor de uma história universal, biografia e autobiografia: sobrevivem fragmentos da sua biografia de Augusto e da sua autobiografia. Vide BALDWIN, B. 1983, 85-87; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 9. STEIDLE suspeita que o Damasceno terá escrito uma biografia completa de Augusto; MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 112 e 118, acha, ao invés, que se trata de uma biografia parcial.

modo, das omissões de certos factos históricos com a necessidade de ser selectivo e de se cingir ao essencial: as características individuais. Esta contingência partilha-a com Suetónio. A biografia revela-se, como dissemos, o género mais indicado para historiar o governo de Roma imperial, em que havia coincidência das instituições do estado com a pessoa do imperador: pelo que as qualidades do carácter do príncipe — as virtudes e os vícios — se reflectem na condução da história.⁵⁷ O próprio Tácito verbaliza as dificuldades por que passa a historiografia tradicional, na nova situação política: seja por ignorância ou o alheamento dos cidadãos em relação às decisões políticas, seja por adulação ou por ódio aos chefes, não se fazem registos históricos para a posteridade;⁵⁸ por outro lado, num Império pacificado e não expansionista, a falta de matéria nobre da antiga historiografia — como guerras infundáveis, expugnações de cidades, destituição de reis, lutas sociais — os próprios historiadores a lançarem mão de assuntos que, tradicionalmente, eram objecto da biografia⁵⁹ — o que provoca o esbatimento da destrição entre dois géneros, que foram sempre considerados distintos, mas nunca tiveram fronteiras bem delimitadas.

Na linha de Varrão, também Plutarco, nas *Vidas*, Tácito, no *Agricola*,⁶⁰ reforçam a aproximação entre biografia e *imagines*. A biografia é uma forma de tornar imortal a representação física, que é efémera. À parte o caso das autobiografias, a biografia, antes de se centrar nos imperadores, tende para a oposição senatorial. Mas transformar a biografia em veículo de transmissão de ideias filosóficas e políticas heterodoxas poderia tornar-se perigoso durante o Império.⁶¹ Por outro lado, era imprevisível a reacção de um imperador perante o biógrafo de imperadores anteriores: havia o perigo de escrever a palavra errada, ou ser interpretado de forma hostil.⁶² Talvez por isso, Suetónio, o primeiro escritor latino a aplicar a biografia aos imperadores, termina as *Vidas dos Césares* com uma apreciação moral favorável

⁵⁷ Com o Império, tornava-se impossível respeitar o princípio historiográfico de Catão de fazer história dos acontecimentos sem nomear os protagonistas; cf. Cornélio Nepos, *Ca.* 3.4.

⁵⁸ *Hist.* 1.1.

⁵⁹ *Ann.* 4.32-33. Para Díon Cássio já não existe este dilema: organiza a sua obra segundo o esquema analítico, mas não hesita em usar elementos biográficos. Vide GIUA, M. A. 1990, 544-550.

⁶⁰ STUART, D. R. 1928, 243-253, considera que o *Agricola* de Tácito tem semelhanças quer com a tradição encomiástica grega, quer com a latina, sem deixar de conter elementos pessoais. Vide GIUA, M. A. 1990, 539-541. Esta autora observa (555-557) que Tácito, com o seu *Agricola*, acaba por aceitar a biografia, mas usa-a, consoante a linha dos malogrados antecessores Aruleno Rústico e Herénio Senecião, no contexto da oposição senatorial: reconstitui a história do principado de Domiciano sem o tornar protagonista.

⁶¹ Basta lembrar, no principado de Domiciano, as consequências que as *laudationes* de Peto Trásea e Helvídio Prisco acarretaram para os autores, Aruleno Rústico e Herénio Senecião. Cf. Suetónio, *Dom.* 10.3; Díon Cássio, 67.13.2; Tácito, *Ag.* 2; Plínio, *Ep.* 1.5.

⁶² Como sugere BALDWIN, B. 1983, 80-81. Suetónio menciona o historiador (Cremúcio Cordo, segundo Tácito, *Ann.* 4.34-35, e Díon Cássio, 57.24.3), que foi condenado por Tibério por dizer que Cássio e Bruto tinham sido os últimos dos Romanos (*Tib.* 61.3). Mesmo alguns estudiosos modernos encontraram sinais velados de crítica em Suetónio: CARNEY T. F. 1968, 7-24, vê nas *Vidas dos Césares* uma série de críticas indirectas a Adriano; e CIZEK, E. 1977, 181-192, crê que certos conselhos discretos foram mal recebidos pelo imperador e, por isso, causaram a desgraça de Suetónio. Opinião contrária têm BRADLEY, K. R. 1976, 245-253 e GASCOU, J. 1984, 758-773. O historiador francês demonstra que, nos *Césares* de Suetónio, os aspectos favoráveis a Adriano predominam largamente sobre os desfavoráveis.

aos Antoninos⁶³ — parece uma forma de transmitir a mensagem sem correr demasiados riscos. De qualquer modo, a *libertas*, entendida como liberdade de expressão, é, para Suetónio, um dos tópicos de avaliação dos imperadores.

Há uma série de relatos laudatórios sobre as vítimas de Nero e dos Flávios⁶⁴ que podem ter influenciado Suetónio, sobretudo nos efeitos dramáticos com que o biógrafo descreve as mortes mais violentas.⁶⁵ Temas recorrentes em Suetónio — como a origem familiar e antepassados, o lugar de nascimento, acompanhado de presságios da fortuna futura, infância, a entrada na vida pública, aspectos de governação, obras públicas e jogos oferecidos, campanhas, aspectos da vida privada, cena de morte — constituíam a base das *laudationes*.⁶⁶ Esta forma tradicional, cultivada pela retórica, parece deixar, em Suetónio, reflexo em alguns passos em particular: têm carácter laudatório a abordagem de Germânico, no início da *Vida* de Calígula, e de Druso, no início da *Vida* de Cláudio, e a forma de começar a *Vida* de Tito.⁶⁷ Além disso, a ideia da felicidade e da bênção, o topos do *macarismos* do *encomium* grego, com paralelo na *laudatio* latina,⁶⁸ parece estar presente em Suetónio, quando refere a *felicitas* como atributo que, desde o início, se manifesta nos bons imperadores (como Augusto, Vespasiano ou Tito)⁶⁹ e a *infelicitas* nos maus (como Nero);⁷⁰ quando abençoa os bons com uma boa morte e condena os maus a uma morte terrível e solitária, como veremos a seu tempo. O discurso retórico com objectivo oposto ao da *laudatio* — a *uituperatio* — tinha igualmente grande tradição em Roma e incluía os mesmos itens.⁷¹ O próprio Suetónio é autor de uma monografia sobre termos de insulto.⁷² As acusações pormenorizadas de depravação, muitas

⁶³ *Dom. 23.2: Ipsum etiam Domitianum ferunt somniasse gibbam sibi pone ceruicem auream enatam, pro certoque habuisse beatiorem post se laetioremque portendi rei publicae statum, sicut sane breui euenit abstinentia et moderatione insequentium principum.*

⁶⁴ Fânio escreve sobre *occisi aut relegati a Neroni*: cf. Plínio, *Ep. 5.5.2*. Titínio Capitão, *ab epistulis*, que fez carreira nos reinados de Domiciano, Nerva e Trajano, continuou a ligação entre biografia e *imagines*, pois tinha em casa retratos de Bruto, Cássio e Catão, que teria acompanhado de *laudationes* em verso. Escreveu relatos da morte de variados amigos: *exitus illustrium uirorum* (um género em voga): Cf. Plínio, *Ep. 8.12.5*. O próprio Plínio escreve de *ultione Heluidi Prisci* (o jovem) (*Ep. 9.13; 5.8*).

⁶⁵ Embora certos motivos ocorram já em escritos gregos sobre a morte de reis ou generais: cf. LEWIS, R. G. 1991, 3657-3659.

⁶⁶ Temas que aparecem também em obras como o *Panegrico de Trajano*, da autoria de Plínio, ou nas *Res gestae* de Augusto, como nota, na intr. ao seu comentário, WARMINGTON, B. H. 1999, IX. Segundo LEWIS, R. G. 1991, 3661-3662, que acentua a influência autóctone em Suetónio, a colocação da aparência física associada ao relato da morte (imediatamente antes ou imediatamente depois), é um reflexo da tradição dos discursos fúnebres.

⁶⁷ Como nota LEWIS, R. G. 1991, 3643; 3648; 3655. O caso de Vitélio, o Velho (3643), parece-nos pouco paradigmático, porque Suetónio refere a *laudatio*, mas não a usa. Nota LEWIS (3664) que a apresentação do material relativo a Tito faz lembrar o *encomium* grego.

⁶⁸ Como procura demonstrar STUART, D. R. 1928, 242-243; vide também 85 ss.

⁶⁹ *Aug. 94.1: (...) quibus futura magnitudo eius et perpetua felicitas sperari animaduertique posset. Ves. 5.5: At in Achaia somniauit initium sibi suisque felicitatis futurum...* Ideia semelhante está em *Tit. 1: (...) tantum... uel ingenii uel artis uel fortunae superfuit*. A felicidade de Tibério revela-se ilusória — *Tib. 5: (...) et quod mox simulacrum Felicitatis ex s. c. publicatum ibi sit. Sed...*

⁷⁰ *Nero 6.2: Eiusdem futurae infelicitatis signum euidens die lustrico extitit.*

⁷¹ Segundo LEWIS, R. G. 1991, 3643-3657, Suetónio, ao descrever as carreiras pré-imperiais, parece seguir um modelo semelhante aos das *laudationes* e *uituperationes* forenses de Cícero, mas muito mais antigo: apresenta semelhanças com o *encomium* e os tratados de retórica gregos, mas tem um conteúdo e uma estrutura tipicamente romanos e moldados às exigências da vida pública romana.

⁷² Vide DELLA CORTE, F. 1967, 242-243; BRUGNOLI, G. 1968, 162-164.

vezes sem fundamento, tradicionais no contexto da luta política republicana — basta recordar as acusações de homossexualidade passiva e adultério, feitas a César pelos seus inimigos políticos, entre os quais Cícero (*Jul.* 49-52), e a Augusto, por Sexto Pompeio e António (*Aug.* 68-69) — transitam para a oposição aos imperadores: não falta quem acuse Domiciano de ter sido iniciado sexualmente por Nerva (*Dom.* 1.1). A reacção aos frequentes libelos transforma-se em critério para testar a *clementia* do governante.⁷³

A dificuldade em encontrar um modelo para a biografia suetoniana torna-se manifesta na diversidade de soluções apresentadas pelos críticos.⁷⁴ Todos, no entanto, estão de acordo no que respeita ao desenvolvimento precedente. Constatamos que, ao longo da história da biografia, existem modelos diferentes, quanto ao conteúdo, como biografia encomiástica ou vituperatória e biografia que apresenta vícios e virtudes, biografia histórica e biografia ficcional, biografia política, filosófica ou moral; e quanto à forma, biografia em diálogo e biografia narrativa, autobiografia e biografia de terceiros, biografia que respeita a cronologia, biografia que prefere a organização através de rubricas e biografia que combina os dois métodos. O género foi-se apropriando às necessidades dos tempos e aos objectivos dos diversos autores. No esquema usado por Suetónio não se consegue descortinar nem especial inovação, nem especial dependência de um autor em particular.⁷⁵ Mais do que seguir este ou aquele modelo, Suetónio parece fazer o cruzamento da tradição biográfica greco-latina, no seu

⁷³ Apareceram as crónicas escandalosas dos imperadores, sobretudo os anteriores a Nerva: Fânio terá escrito um *De sceleribus Neronis*, muito útil, de certo, para o gosto de Suetónio, que vai precisamente debruçar-se, em grande parte, sobre os *probra ac scelera* do imperador histrião e criminoso; vide BALDWIN, B. 1983, 66-100.

⁷⁴ Na opinião de LEO, F. 1901, a biografia, no período helenístico e romano, apresentava, em geral, dois modelos distintos: as *Vidas* dos políticos e gerais estavam normalmente organizadas de forma cronológica, enquanto as *Vidas* dos filósofos, artistas e poetas se apresentavam organizadas de forma sistemática. Segundo a tese de LEO, Suetónio, ao organizar de forma sistemática as *Vidas dos Césares*, transfere para homens de acção um tipo de biografia alexandrina, que era usada normalmente em escritores e artistas, e fora importada para Roma por Varrão. É uma ideia sedutora, que teve algum êxito, mas que enferma de uma busca de simplificação de cariz didáctico. Segundo STUART, D. R. 1928, 186-187, a descoberta do papiro, que continha a *Vida de Eurípides* de Sátiro, veio provar que este esquema biográfico já existia antes de aparecerem as biografias eruditas alexandrinas, pelo que apresentou as biografias alexandrinas como seguidoras de uma estrutura herdada dos peripatéticos. AILLOUD, H 1931-1932, XXV-XXXII, contesta a tese de Leo passo a passo. DELLA CORTE, F. 1967, 199-200, sem negar as duas tendências (peripatética e alexandrina), prefere acentuar a confluência no sincretismo romano. Segundo MOMIGLIANO, A. 1993 (1971), 87-88, o tipo de esquema suetoniano convém mais às vidas de escritores e artistas, pois facilita uma análise sistemática das suas qualidades pessoais e dos seus trabalhos, mas não há razão para crer que tal se restringia à biografia não política. No capítulo que acrescenta à edição de 1971, MOMIGLIANO, no entanto, contesta a base desta teoria, e conclui que existiam não apenas dois, mas variados modelos de biografias. Também WALLACE-HADRILL, A. 1984, 70, nota que os dois ramos apresentados por LEO não cobrem todas as biografias sobreviventes: nem as *Vidas* de Nepos, nem o *Agricola* de Tácito se enquadram naqueles modelos. Quanto a outras soluções, STUART, sem negar, por sua vez, a influência grega, insiste na influência da *laudatio funebris*; STEIDLE, em 1951, acentua as ligações ao *encomion* e ao *psogos* gregos; LEWIS, em 1991, aponta a oratória forense, cujo modelo se pode comprovar nos discursos de Cícero. Vide análise feita, na intr. ao seu com., por WARDLE, D. 1994, 18; intr. ao com. de GUASTELLA, G. 1992, 11-12 n.3.

⁷⁵ Como afirma, na intr. ao seu com., LINDSAY, H. 1995, 5.

ponto de chegada, com a evolução do governo da Roma imperial do primeiro século d. C.: — o resultado são as *Vidas dos Césares*.

A biografia tem sido considerada o parente pobre da historiografia; e Suetónio fica a perder pelo inevitável cotejo com a genialidade de Tácito.⁷⁶ Normalmente faz-se uma abordagem histórica do biógrafo, o que leva o texto de Suetónio, como diz Guastella, no seu comentário à *Vida* de Calígula, a ser mais desmembrado do que estudado no seu conjunto.⁷⁷ Mas é lícito que nos interroguemos sobre a razão que levou Suetónio, o *eruditissimus* e o *contubernalis* de Plínio-o-Moço,⁷⁸ o competente funcionário imperial, que acumulara os cargos de *a studiis*, de *a bibliothecis*, de *ab epistulis*,⁷⁹ a escolher um género considerado menor, quando tinha ao seu dispor quer o material necessário para obras de grande fôlego e rigor, quer os conhecimentos para tal requeridos. Ora Suetónio não pretende emular Tácito, mas escrever biografia.

2. Suetónio e a erudição

É comum entre os historiadores da literatura encarar Suetónio mais como erudito arquivista, recolector de anedotas e gramático pedante do que como biógrafo⁸⁰ e valorizar excessivamente

⁷⁶ Cf. BRADLEY, K. R. 1985b, 255.

⁷⁷ Cf. GUASTELLA, G. 1992, 13-14. Por exemplo, GASCOU, J. 1984, que se situa mais na perspectiva do historiador do que na do estudioso da literatura (p. XII), diz claramente que segue, para o estudo das fontes do biógrafo, a ordem cronológica, e não a de Suetónio (p. 10).

⁷⁸ Plínio, ao solicitar a Trajano para o amigo o *ius trium liberorum*, descreve-o nestes termos: *Suetonium Tranquillum, probissimum honestissimum eruditissimum uirum* (*Ep.*, 10.94.1). Além disso, ao interceder em seu favor na compra de um campo, considera-o *contubernalis meus* (1.24.1) e *scholasticus* (1.24.4). É ainda recordado por Plínio em *Ep.* 5.10 e 10.95. Sobre a possibilidade de Suetónio ter pertencido, graças à influência de Plínio, ao *consilium principis* de Trajano, vide TISSONI, G. G. 1965, 222-245, particularmente, 241; DELLA CORTE, F. 1967, 27 n. 48.

⁷⁹ O estudo da carreira de Suetónio sofreu grande impulso com a descoberta, em 1950, nas escavações do foro de Hipona, dos fragmentos de uma inscrição, reconstituída e publicada por MAREC & PFLAUM E. 1952, 76-85, que veio confirmar algumas conjecturas de SANDERS, H. A. 1944, 113-123, sobre a carreira do biógrafo. Tratava-se talvez da base de uma estátua do biógrafo, derrubada quando Suetónio caiu em desgraça (por volta de 121-122 d. C.), juntamente com o prefeito do pretório Septício Claro (informação de Esparciano, na *História Augusta, Hadr.* 11.3). Como acentua DELLA CORTE, F. 1954, 133-136, os dados da inscrição apontam para dois tipos de carreira, a sacerdotal e a administrativa. Outros comentários se seguiram com base na inscrição. GROSSO, F. 1959, 263-296, procura provar que Suetónio exerceu um flaminato e o pontificado de Vulcano em Óstia, no que é seguido por BAURAIN, C. 1976, 124-144. Este autor põe ainda a hipótese de Suetónio ter sido *praefectus fabrum* de Plínio na Bitínia. TOWNEND G. B. 1961a, 99-109, defende a possibilidade de o sacerdócio ter sido exercido não em Óstia, mas em Roma, e estabelece que, dos três cargos desempenhados por Suetónio, só o de *ab epistulis* foi exercido no principado de Adriano. DACK, E. Van't 1963, 177-184, afirma que os cargos de *a bibliothecis* e *a studiis* foram exercidos em conjunto no principado de Trajano. MCDERMOTT, W. C. 1971, 92-95, coloca o início da carreira de Suetónio em 102-103, pelo que nega que este tenha acompanhado Plínio à Bitínia. O autor presume que foi nos cargos de *a studiis*, *a bibliothecis* e *ab epistulis* que Suetónio recolheu o material para o seu *De uita Caesarum*. Além disso, o cargo de *ab epistulis* conferia-lhe uma influência superior à de muitos ex-cônsules, pelo que se justificava a elevação de uma estátua em Hipona, que, segundo MCDERMOTT e TOWNEND, seria a terra natal do biógrafo (ao passo que GROSSO coloca a sua origem em Óstia). BALDWIN B. 1975a, 22-26 e 1975b, 61-70, questiona a veracidade do relato da *HA* e duvida de que o biógrafo tenha perdido o acesso aos arquivos imperiais: posição que reitera em ID. 1997, 254-256. Também BRUGNOLI, G. 1993, 47-61, sugere que Suetónio não caiu propriamente em desgraça, mas foi afastado do cargo por pressão da *uxor morosa* de Adriano. LINDSAY, H. 1994, 454-469, é de opinião que Suetónio esteve ao serviço até 128 como *ab epistulis* de Adriano. Vide análise das teorias em DELLA CORTE, F. 1967, 9-28 e 219-231; BIRLEY, A. R. 1984, 245-246.

⁸⁰ Como observa LEVI, M. A. 1937, 18-19, embora argumente que, se Suetónio for considerado como cultor da biografia alexandrina, fica atenuada a importância da faceta erudita — o que parece contraditório, pois os alexandrinos têm sido considerados, acima de tudo, eruditos.

o esquema usado pelo autor em detrimento do conteúdo das *Vidas*. Tal preconceito poderá ter origem em um exagerado biografismo: através da análise das informações de Plínio e da *Suda* (que o apresenta como *grammaticus*), considerava-se Suetónio amarrado, pela sua maneira de ser, aos arquivos imperiais, submerso em documentos, e estudava-se o biógrafo a partir do âmbito dos seus cargos.⁸¹

Quando Plínio-o-Moço classifica Suetónio de *eruditissimus*, está a usar uma das vagas designações existentes para o estudioso de antiquária, uma designação moderna para uma realidade antiga.⁸² Este tipo de estudo interessa-se por minudências do passado, por eventos fora do vulgar, monstrosidades, histórias locais, listas de magistrados, nomes próprios, leis, costumes pela ostentação, em suma, de erudição como um fim em si.⁸³ Se olharmos aos títulos do catálogo das obras de Suetónio na *Suda*, verificamos que os interesses e o âmbito de investigação de Suetónio se enquadram neste tipo de pesquisa.⁸⁴

Como linhas principais da erudição helenística temos a edição e comentário de textos; a colecção de antigas tradições de cidades, regiões, santuários, deuses e instituições; a descrição sistemática de monumentos e cópia de inscrições; compilação de biografias; cronologia.⁸⁵ As listas bibliográficas incluídas por Suetónio nos *studia* e *eloquentia* lembram a erudição alexandrina, mas Suetónio aparece como conhecedor de uma arte que existe em Roma desde Varrão⁸⁶ e coloca-a ao serviço dos seus objectivos.

Característico da pesquisa antiquária é o uso extenso de cartas, inscrições e monumentos. Suetónio, graças aos seus cargos administrativos, tem à sua disposição os arquivos imperiais (embora tal não prove, à partida, que os consulte).⁸⁷ Além de provas documentais, Suetónio serve-se de provas arqueológicas, mas com um objectivo que vai além do gosto pelo passado: por exemplo, uma estatueta de Augusto criança, com a inscrição *Thurinus*, prova que era este

⁸¹ Vide MACÉ, A. 1900, 110-198; 237-239; DALMASSO, L. 1906, 80 n. 2; WALLACE-HADRILL, A. 1984, 73-96.

⁸² Os antiquários dos sécs. XVII e XVIII, ao usarem a designação *antiquarius* para o seu trabalho, inserem-se na linha das *Antiquitates* de Varrão. Quando, em 1583, J. Rossfeld, conhecido por Rosinus, publicou os seus *Romanarum antiquitatum libri decem*, estabeleceu a forma literária do manual de antiguidades, cuja estrutura será preservada pelos trabalhos de antiquária que se lhe seguiram. A noção era vagamente expressa na época helenística e romana por expressões como *criticus*, *philologus*, *polyistor*, *grammaticus*, *doctus*, *litteratus*, *eruditus*. A designação mais apropriada é *archaeologus* e encontra-se em Platão, *Hp.Ma.*, 285 d: aqui arqueologia inclui genealogias de heróis, tradições acerca da fundação de cidades, etc. Banidos pela pesquisa histórica tradicional, aqueles temas começaram a ser objecto de estudo dos sofistas: Hípias escreve sobre nomes de nações e Crítias descreve constituições de várias cidades. A oposição entre *archaeologia* e *historia* não se manteve. Arqueologia passa a designar, na época helenística e romana, um trabalho de história arcaica ou uma história desenvolvida desde as origens: assim em Dionísio de Halicarnasso e em Flávio Josefo. Vide MOMIGLIANO, A. 1990, 58-60.

⁸³ Sobre a relação de Suetónio com a antiquária, cf. WALLACE-HADRILL, A. 1984, 126-129 e DELLA CORTE, F. 1967, 143-164.

⁸⁴ Vide tentativas de reconstrução dos *Prata* em DELLA CORTE, F. 1967, 234-245, e BRUGNOLI, G. 1968, 137-184.

⁸⁵ Varrão herda o espírito sistemático da antiquária helenística e publica vinte e cinco volumes de *Antiquitates rerum humanarum* e dezasseis de *Antiquitates rerum diuinarum*; vide MOMIGLIANO, A. 1990, 54-71.

⁸⁶ Como observa LEWIS, R. G. 1991, 3662.

⁸⁷ O que parece ser muito do seu agrado é a citação de cartas de Augusto, de quem refere até pormenores de grafia (*Aug.* 88).

o seu *cognomen* e acentua assim a humildade da sua origem.⁸⁸ Coleccionar velharias é um gosto da antiquária partilhado por Augusto. Também ele faz colecção de raridades antigas, como ossos enormes (provavelmente de animais pré-históricos), encontrados em Cápreas, e designados por ossos de gigantes e armas de heróis⁸⁹ — mas não é apenas uma curiosidade, é um exemplo da modéstia com que Augusto decorava a sua casa, em oposição às acusações que lhe faziam de ceder ao luxo.

Também ao descrever o incêndio de 64, o ponto de vista do antiquário vem ao de cima, para lamentar as perdas irreparáveis que o sinistro causou à história do povo romano.⁹⁰ Mas a acentuação dos danos visa também agravar o crime de Nero contra os muros da pátria.

Por outro lado, enquanto o historiador está interessado em grandes e memoráveis façanhas, eventos particulares significativos, com causas e consequências, o antiquário está interessado, não no individual, mas no modelo geral, o *mos*, as práticas e os costumes da vida diária, como roupas, jogos, deuses que se veneram, etc.⁹¹ Mas o biógrafo não se fica pela exposição erudita, pois tais considerações lhe abrem caminho à apreciação moral. Nas *Vidas dos Caesares*, Suetónio demonstra o papel dos imperadores na destruição ou preservação do tradicional modelo de vida romano. Interessa-se pelo impacto que cada imperador tem, como indivíduo, nesse modelo: daí dependerá a imagem que vai deixar transparecer. O bom imperador preocupa-se com o *mos maiorum*, com a restauração das tradições antigas, como é o caso de Augusto;⁹² o mau irá corromper as tradições e costumes, como é o caso de Calígula e de Nero. Uma característica deste tipo de pesquisa é a ordenação sistemática, ao contrário da história, que pressupõe a ordenação cronológica. Esta prática foi adoptada por Varrão nas suas *Antiquitates*. Nas obras de Suetónio, sejam elas sobre palavras, instituições ou biografias, elabora o comentário palavra a palavra, isto é, por entradas, como num ficheiro. Assim acontece com as *palavras de insulto*, que divide em tipos e, para cada uma, cita os passos da literatura onde o termo ocorre. Assim acontece com o tratado sobre os *jogos*, com divisão e citação de exemplos.

O mesmo se passa com as biografias. O *De uiris illustribus* subdivide-se em: *De poetis*; *De oratoribus*; *De historicis*; *De philosophis*; e *De grammaticis et rhetoribus*.⁹³ No *De grammaticis et rhetoribus*, encontramos uma introdução e uma série de entradas: mas aqui as palavras comentadas são nomes próprios. Amplas citações ilustram os factos das vidas. O

⁸⁸ Aug. 7.1. Suetónio ofereceu a estatueta a Adriano, que a passou a venerar entre os Lares do seu quarto.

⁸⁹ Aug. 72.3: (...) *excoluit rebusque uetustate ac raritate notabilibus, qualia sunt Capreis immanium beluarum ferarumque membra praegrandia, quae dicuntur gigantum ossa et arma heroum.*

⁹⁰ Nero 38.2: *Tunc praeter immensum numerum insularum domus priscorum ducum arserunt hostilibus adhuc spoliis adornatae deorumque aedes ab regibus ac deinde Punicis et Gallicis bellis uotae dedicataeque, et quidquid uisendum atque memorabile ex antiquitate durauerat.*

⁹¹ Como afirma WALLACE-HADRILL, A. 1984, 128.

⁹² Augusto faz várias reformas para voltar ao estado primordial: 31.2 o calendário; 35.1 o senado; 40.2 as assembleias; 40.5 o uso da toga. Cf. WALLACE-HADRILL, A. 1984, 139-141.

⁹³ O *De uiris illustribus* é geralmente considerado anterior às biografias imperiais. BALDWIN, B. 1983, 380, pelo contrário, rejeita tal datação relativa, sem apresentar qualquer razão para tal.

mesmo método vamos encontrar, em larga escala, nas *Vidas dos Césares*. A construção da biografia de cada imperador divide-se numa série de rubricas, introduzidas por palavras-chave. Apesar da aparente narração contínua, a sequência da narração é marcada pela introdução de novos tópicos, por vezes anunciados discretamente. Assim foge da narração cronológica do historiador tradicional para a divisão por títulos e comentário acompanhado de exemplos vários.⁹⁴

Alguns tratados eruditos parecem deixar rasto nas rubricas das *Vidas* dos imperadores, como é o caso do tratado sobre os jogos, sobre o calendário ou sobre os defeitos físicos.⁹⁵ Nas *Vidas dos Césares*, há uma profusão de informações sobre espectáculos, em detrimento da administração.⁹⁶ A um funcionário da administração imperial é natural que interessem mais as instituições que permitem a manutenção do estado do que o alargamento para além das suas fronteiras. A harmonia do estado é mantida mediante *panis et circenses*, fundamentais na propaganda imperial. Além disso, os jogos são festivais religiosos, servem para aplacar os deuses.⁹⁷ E seria cómodo usar material de que já dispunha da monografia anterior.⁹⁸ Mas Suetónio não se restringe à erudição: a presença ou ausência de jogos, os excessos ou a contenção lançam luz sobre o carácter dos imperadores: permitem avaliar, como veremos, se o imperador é liberal ou avaro, se é regrado ou perdulário. A imoralidade manifesta-se na exibição, contra a tradição romana, de nobres na arena. A infâmia agrava-se, quando o imperador se torna auriga e histrião, como Calígula e Nero.

Outra monografia perdida era sobre o calendário. Também na *Vita Caesarum* Suetónio se ocupa não só da reforma operada por Júlio César, que acertou o calendário pelo curso do sol,⁹⁹ mas também refere várias mudanças no nome dos meses.¹⁰⁰ Contudo, também neste aspecto, Suetónio se não limita a registar curiosidades: a mudança da designação do nome do mês é integrada na exemplificação do espírito tirânico de César, Nero e Domiciano, enquanto em Augusto é apresentada como mais uma medida administrativa do imperador, enquanto Pontífice Máximo, com a explicação de que se não tratava do mês do nascimento (Setembro), mas do mês em que obtivera o seu primeiro consulado e as mais importantes vitórias. Além do mais, tal decisão é, por assim dizer, ratificada. Um senador proporá, como honra póstuma, que

⁹⁴ Vide STUART, D. R. 1928, 230; WALLACE-HADRILL, A. 1984, 43-44.

⁹⁵ Vide DELLA CORTE, F. 1967, 158-159; intr. ao com. de WARDLE, D. 1994, 15-17.

⁹⁶ O programa legislativo de Augusto é vago (*Aug.* 34), excepto no que se refere aos espectáculos (*Aug.* 45). É mais precisa a descrição dos jogos quinquenais estabelecidos por Domiciano (*Dom.* 4.4) do que as campanhas do Reno e do Danúbio (*Dom.* 6.1).

⁹⁷ Cf. Juvenal, 10.78-81; Plínio, *Pan.* 33.

⁹⁸ Vide DELLA CORTE, F. 1967, 100-110. Graças ao *De spectaculis* (5) de Tertuliano, podemos fazer uma ideia do conteúdo da monografia perdida de Suetónio sobre os jogos. Tertuliano diz-nos que Suetónio enumera os festivais, por quem foram instituídos, em que dias, para que deuses; vários tipos de espectáculos: circo, teatro, atléticos, de gladiadores; e outras rubricas, todas presentes nas *Vidas dos Caesares*.

⁹⁹ *Jul.* 40.1: *annumque ad cursum solis accomodauit*.

¹⁰⁰ O *quintilis* para *Iulius* (*Jul.* 76.1); o *sextilis* para *Augustus* (*Aug.* 31.2); Nero dá o nome ao mês *aprilis* (*Nero* 55); Domiciano chama *Germanicus* ao mês de Setembro, nome que tomou depois do triunfo sobre os Catos e os Dácios, e *Domitianus* ao de Outubro (*Dom.* 13.3).

se transfira a designação do mês de *Augustus* para o de Setembro, precisamente por ser o do aniversário do imperador defunto (*Aug.* 100.3).

Se outro tratado era sobre os *uitia corporalia*, também na *Vita Caesarum* não faltam referências às doenças dos príncipes¹⁰¹ com uma enumeração dos pormenores físicos que denota preocupação de realismo — mas não só. Os defeitos físicos eram, na época, mais significativos do que hoje nos possa parecer, dada a importância da fisionomia.¹⁰² Um fisionomista, chamado por Narciso, o famoso liberto de Cláudio, para estudar os traços de Britânico, afirma sem hesitação que, não este, mas Tito, que estava perto, seria imperador (*Tit.* 2). Embora não pareça restringir-se aos ensinamentos da fisionomia,¹⁰³ ao analisar os defeitos físicos, Suetónio julga fazer luz sobre os morais. O retrato físico de Calígula encontra-se na parte em que se descreve o monstro, isto é, onde se referem os *uitia*, que são incomparavelmente mais numerosos que as virtudes.¹⁰⁴ Os defeitos físicos — que Calígula exagera em frente ao espelho, para provocar terror — são o resultado psicofísico da desordem mental (*Cal.* 50-51). Nesse sentido, o aspecto físico tem interesse enquanto denota o carácter do homem que está à frente dos destinos do Império.

Mas, apesar da similitude de método verificável entre as *Vidas* e os outros trabalhos, a perspectiva antiquária está subordinada, como nota Wardle, a uma análise por categorias não antiquárias. As técnicas do comentário erudito podem levar ao arranjo por categorias, mas estas são colocadas ao serviço da intenção biográfica. Se a organização através de rubricas tem origem na intenção erudita de informar e não *mouere*, a forma como Suetónio dispõe as rubricas e o material visa desencadear emoções.¹⁰⁵

Embora o propósito moralizador seja tradicionalmente atribuído a Tácito e Plutarco, e negado a Suetónio, cremos, no entanto, que o biógrafo dos Césares não é apenas um erudito curioso: não usa a erudição pela erudição, mas como meio para transmitir uma mensagem moral e

¹⁰¹ Augusto sofria dores devido à pedra na bexiga, e padecia do fígado (*Aug.* 80; 81.1); Cláudio sofria do estômago (*Cl.* 31); Domiciano era calvo, e por isso, *deformis* (*Dom.* 18.1); Otão disfarçava a calvície com uma peruca (*Otho* 12.1); Vespasiano, embora saudável, preocupava-se em manter a boa forma com fricções na garganta e nos membros e em fazer dieta uma vez por mês (*Ves.* 20).

¹⁰² Vide COUISSIN, J. 1953, 234-256 e STOK, F. 1995, 109-135.

¹⁰³ Cf. BALDWIN, B. 1983, 498-501. GASCOU, J. 1984, 592-616, contesta a aplicação desta teoria aos retratos de Suetónio.

¹⁰⁴ Vide balanço dos traços positivos e negativos de Calígula em CIZEK, E. 1977, 103-104.

¹⁰⁵ Com. de WARDLE, D. 1994, 19; vide também 75-76; 94-95.

política.¹⁰⁶ O esquema adapta-se à transmissão, de forma sistemática e inteligível, de um código moral; e os pormenores e as anedotas não são simplesmente amontoados, nem valem apenas como curiosidade, mas são seleccionados e dispostos de modo a realçarem imagem de cada imperador, como Suetónio a quer transmitir.

¹⁰⁶ Como sublinha GIUA, M. A. 1990, 543-544.

3. Suetónio e as suas fontes

Enfrentamos agora um dos aspectos mais difíceis da abordagem de Suetónio: a questão das fontes. Que se serviu de fontes variadas sugere-o o facto de se lhes referir com expressões como *sunt qui putent, multi, alii, quidam, nonnulli*. Mas ficamos a saber, também, por for;a destas mesmas expressões, que predominam as indicações genéricas e vagas. Teremos de fazer fé na honestidade do biógrafo *probissimus*, segundo Plínio. Nenhum autor, que posteriormente o cite, o malsina como inventor de patranhas.¹

Mas aquelas referências literárias, documentais, epigráficas, arqueológicas, mais ou menos vagas, que aqui e além pontuam o discurso, garantem verosimilhança às palavras do biógrafo, enquanto estabelecem a conexão com o referente empírico pré-textual. Por isso, apesar de não serem muito numerosas, as referências às fontes justificam a sua abordagem. Não se trata aqui de fazer *Quellenforschung*,² mas de, a partir dos resultados já obtidos por aquele tipo de pesquisa, averiguar o contexto em que Suetónio cita fontes e os objectivos com que o faz. É no *Diuus Iulius* que Suetónio cita mais autoridades para apoiar as suas afirmações. Em determinados passos da *Vida* de César, Suetónio evoca fontes literárias, mais do que em qualquer outra vida, talvez porque, para essa época, escasseassem as fontes documentais. Há fontes favoráveis e fontes hostis, analistas tradicionais, biógrafos e coleccionadores de anedotas. Parecem evitar-se as fontes históricas mais reconhecidas, como Salústio, Lívio e o próprio César. Mas, embora Suetónio não pareça fazer distinção entre as fontes que cita, porquanto apresenta lado a lado fontes de género e valor diverso, certo é que, para a época de Júlio César, há uma autoridade incontestável. Não será por acaso que Cícero é o autor mais frequentemente invocado nesta vida.³ Mas há outros.

Para a *Vida* de Augusto, Suetónio cita fontes muito mais variadas. Mas predominam os escritos de Augusto, sobretudo as cartas.⁴ Citam-se também vários escritos de António. As fontes literárias deixam de ser predominantes e aparecem as fontes documentais.

Na vida de Tibério há uma nítida diminuição, quer das fontes literárias, quer documentais.⁵ Tal decréscimo continua pelas vidas seguintes. Na *Vida* de Cláudio as únicas fontes nomeadas são

¹ Cf. BALDWIN, B. 1983, 191.

² Recentemente, esse trabalho foi feito por dois autores de renome: BALDWIN, B. 1983, 101-213; GASCOU, J. 1984, 3-339.

³ Vide D'ANNA, G. 1954, 108-110; McDERMOTT, W. C. 1980, 485-495; TOWNEND, G. B., 1982, 1993, na sua intr. ao com. de BUTLER, H. E. & CARY M. 1927 (1993), x.

⁴ Uma consideração exaustiva das cartas de Augusto encontra-se em LANA, I. 1975, 437-458. Neste artigo se apresenta uma relação de todas as citações dos escritos de Augusto nas *Vidas dos Césares*. Só na *Vida* de Augusto o autor enumera 45 passos: 23 citações em forma directa; 10 em forma indirecta; e 12 por assunto. As cartas prevalecem: registam-se 18 passos delas retirados.

⁵ Como causa desta diminuição tem sido apontada a desgraça de Suetónio por volta de 121-122, que lhe interromperia o acesso aos arquivos imperiais: vide TOWNEND, G. 1959, 285-293; ID. 1967, 79-81; SYME, B. 1981, 105-117. Segundo TOWNEND, G. B. 1959, 285-293, o afastamento de Suetónio acontece depois da publicação das *Vidas* de César e de Augusto, quando o biógrafo já tinha reunido grande parte do material para as *Vidas* de Tibério, de Calígula e de Cláudio. BOWERSOCK, G. W. 1969, 119-125, ao comparar vocabulário e estrutura, conclui que o grupo de *Vidas*, que vai de Galba a Domiciano, foi o primeiro a ser escrito, no tempo de Trajano, e só mais tarde surgiu o grupo das *Vidas* dos Júlios-Cláudios. Mas BRADLEY, K. R. 1973, 257-263, repõe a ordem cronológica da redacção das *Vidas*: refuta os argumentos de BOWERSOCK e argumenta que a

Augusto e o próprio Cláudio. Com o terminar desta dinastia, as *Vidas* tornam-se consideravelmente menos extensas: por conseguinte há muito menor indicação das fontes.

Um dos momentos das *Vidas* em que Suetónio cita mais autoridades e faz confronto de fontes é o das origens: antepassados, nascimento. Entre os antepassados já se podem descortinar traços do carácter do biografado. Além disso, juntamente com o lugar do nascimento, fazem luz sobre a origem social. Faltam essas referências na *Vida* de César, cujos primeiros capítulos se perderam. Nas *Vidas* de Tito e Domiciano o topos dos antepassados omite-se, uma vez que é tratado no início da *Vida* do pai destes, Vespasiano.

Ao tratar dos ascendentes de Augusto, Suetónio coloca lado a lado as memórias do imperador, que se diz oriundo de uma família de cavaleiros rica, e António, que o acusa de ter por bisavô paterno um liberto cordoeiro de Turino e por avô um banqueiro (*Aug.* 2.3). O biógrafo declara que não encontrou outros dados sobre os antepassados da linha paterna: uma afirmação da seriedade da sua investigação, mas que representa também uma forma de não confirmar as acusações de António.⁶ Volta a citar o triúviro (*Aug.* 4.2) sobre a baixa condição do bisavô materno e junta-lhe a confirmação espiritualosa de Cássio de Parma, um dos assassinos de César. Entretanto, em *Aug.* 3.2, usou o testemunho de Cícero, que recomenda ao irmão,⁷ como modelo de governador de província, o pai de Augusto. As fontes citadas acentuam, assim, a origem modesta e a competência governativa.

Há uma certa semelhança entre o tratamento das origens de Augusto e de Vespasiano. A propósito das origens dos Flávios, invocam-se as estátuas na Ásia, que atestam a integridade de Sabino, pai deste imperador (*Ves.* 1.2).⁸ O biógrafo situa com tal precisão a localidade de Vespásias,⁹ que parece ter visitado o local; e mostra que à mãe de Vespasiano não faltava nobreza.¹⁰ Contra o rumor lançado *a quibusdam* de que Petro era contratador de trabalhadores sazonais (1.4), Suetónio salienta (como fizera para o caso das acusações de António a

introdução à *Vida* de Galba (*Gal.* 1) constitui uma transição da descrição das reacções à morte de Nero (*Nero* 57) para o ano dos quatro imperadores. Também BALDWIN, B. 1983, 469-484, critica a tentativa de BOWERSOCK de estabelecer a cronologia das *Vidas* com base em dados linguísticos. GASCOU, J. 1978, 436-444, sugere que Suetónio acompanhou Adriano à África em 128, onde foi honrado com a estátua de Hipona, antes de ser demitido; e, atento a este facto, propõe para a publicação das *Vidas dos Césares* uma data compreendida entre 123 e 128. O próprio autor, no entanto, considera, mais tarde, esta tese insustentável: ID. 1984, 822 (na indicação bibliográfica). Mas a ampla citação de cartas de Augusto, em contraste com a progressiva diminuição na indicação das fontes e na extensão das *Vidas*, pode ser sinal de um especial interesse de Suetónio pelo período de Cícero e de Augusto, domínio em que se tornara especialista, como notam WALLACE-HADRILL, A. 1984, 50-59, e DE CONINCK, L. 1991, 3699. É interessante a hipótese de BRADLEY, K. R. 1985b, 263, que parece observar, em vez de um declínio, um progressivo aumento do cuidado na selecção do material por parte de Suetónio ao compor as *Vidas dos Césares*: o autor tomaria como critério, para encorpar mais ou menos as biografias, a noção de ideal imperial.

⁶ *Nec quicquam ultra de paternis Augusti maioribus repperi.*

⁷ *Q. fr.* 1.121.

⁸ O uso do imperfeito *manebant* pode significar que as estátuas já não existem ou subentender uma forma de dizer de quem lá esteve. GASCOU, J. 1984, 534, opta pela segunda hipótese, dada a probabilidade de Suetónio ter feito parte da comitiva de Plínio, governador da Bitínia entre 111 e 113.

⁹ *Ves.* 1.3-4: *ubi Vespasiorum complura monumenta extant, magnum indicium splendoris familiae et uetustatis.*

¹⁰ Vide GASCOU, J. 1984, 537-538.

Augusto) o labor que dedicou à sua pesquisa: *Ipse ne uestigium quidem de hoc, quamuis satis curiose inquirerem, inueni* («Por mim, não encontrei qualquer pista de tal facto, embora pesquisasse com bastante cuidado»). Mas esta mostra de rigor "científico" da parte de Suetónio não é um exercício de erudição para engrandecer as suas qualidades de investigador: visa evidenciar a falta de provas relativas àquela pecha lançada à família de Vespasiano. Modesta era a sua origem, como a de Augusto, mas honesta.

Também a propósito da origem de Vitélio, Suetónio apresenta dualidade de fontes: *partim* considera-a *ueter et nobilis*; *partim* classifica-a *noua et obscura atque etiam sordida* (Vit. 1.1). Esta divergência explica-a Suetónio com a incompatibilidade entre *adulatores* e *detractores*. Entre os primeiros, cita-se um *libellus* de Q. Elógio (Vit. 1.2);¹¹ entre os segundos, Cássio Severo¹² e muitos mais (Vit. 2.1). O biógrafo termina com o sensato juízo: *sed quod discrepat, sit in medio*. Na *Vida* de Galba, o capítulo 3 denota a pesquisa de Suetónio nos arquivos familiares da família Sulpícia. Mais uma vez faz a análise das fontes, a propósito do significado do *cognomen* Galba, segundo o que *quidam putant... alii ... nonnulli... uel contra*. No início da *Vida* de Cláudio, Suetónio deixa perceber que a morte de Druso não é pacífica entre as fontes (Cl. 1.3): *nonnulli* ousam dizer que Augusto o mandou matar com veneno. Mas fica bem claro que Suetónio não acredita nessa hipótese. O facto de a mencionar resultará de pruridos do biógrafo, desejoso de apresentar todas as versões.¹³ Mas, para contestar com fundamento esta suposição, refere uma declaração de Augusto, no senado, em que instituía Druso co-herdeiro, juntamente com os seus filhos (Gaio e Lúcio, filhos de Júlia, adoptados por Augusto) e a citação indirecta de um excerto da *laudatio funebris*, onde pede aos deuses que tornem os *Caesares suos* semelhantes a ele e que lhes dêem um *tam honestum exitum* (1.5). Assim Suetónio deixa o leitor inferir que tal voto seria funesto, se o crime fosse verdadeiro. Na *Vida* de Nero (Nero 4) referem-se pela última vez documentos de Augusto: logo no início do capítulo, a indicação de que Domício foi, no testamento de Augusto, *emptor familiae pecuniaeque*, e, mais à frente, um edicto a regular a exagerada *saevitia* que Domício admitia nas *uenationes* que dava por toda a cidade. Suetónio parece querer fundamentar autorizadamente uma tara familiar, que explicará o carácter de Nero. Augusto não pode caracterizar Nero, mas pode caracterizar um dos seus antepassados.

Suetónio é preciso a indicar a data e o lugar de nascimento dos imperadores. A história da consagração do lugar de nascimento de Augusto é fundamentada com base nos *acta senatus*:¹⁴

¹¹ Se é que se trata de um nome próprio e não do comum *elogium*: cf. BALDWIN, B. 1983, 185 e 211 n. 206. Segundo GASCOU, J. 1984, 463, o interesse de Suetónio por questões genealógicas explica o recurso a esta fonte rara.

¹² Também esta fonte era da época de Augusto, e mostrava tendência para a *uituperatio*: cf. Tácito, *Ann.* 1.72.3; 4.21.3.

¹³ Cl. 1.4: *Quod equidem magis ne praetermitterem rettuli, quam qui uerum aut ueri simile putem, cum Augustus tanto opere et uiuum dilexerit...*

¹⁴ Aug. 5: *Nam ut senatus continetur...* Para GASCOU, J. 1984, 481, é esta a única prova da utilização directa dos *acta senatus* (sobre a natureza destes documentos: cf. ID. 1984, 480-481). Mas a verdade é que

depois de C. Letório, acusado de adultério, ter pedido clemência, alegando em seu favor o facto de ser proprietário e guardião do solo que Augusto tocou ao nascer, se decretou que fosse consagrada aquela parte da casa. Mas esta prova tem um alcance mais lato, coerente com a *Vida* de Augusto no seu todo: o carácter sagrado do lugar do nascimento, reiterado, logo a seguir (*Aug.* 6), por fenómenos miraculosos, funda-se, em última análise — como salienta o pedido de clemência de Letório *quasi proprio suo ac peculiari deo* —, na divindade do predestinado Augusto, manifesta desde o nascimento. O tema é largamente retomado antes da narrativa da morte, de uma forma que soa a *Ringcomposition*, na parte relativa aos *omina* que marcaram os momentos importantes da vida do fundador do principado (*Aug.* 94-97). Sobre os presságios que anunciaram o nascimento de um rei e do facto de Augusto ter escapado a uma matança decretada pelo senado, Suetónio firma-se no testemunho do liberto de Augusto, Júlio Márato (*Aug.* 94.3); sobre a prodigiosa concepção que faz de Augusto um filho de Apolo, cita o *Theologumenon* de Asclepiades de Mendes (*Aug.* 94.4), e sobre um prodígio da infância que relaciona Augusto com o Sol, apresenta o testemunho de Gaio Druso (*Aug.* 94.6).¹⁵ Acrescenta ainda um sonho profético de Cícero sobre a missão futura do jovem Octávio (*Aug.* 94.9). A propósito do local de nascimento de Tibério (*Tib.* 5), Suetónio rebate uma *leuis coniectura*,¹⁶ segundo a qual este imperador teria nascido em Fundos, e que se baseava em uma prova arqueológica: uma estátua da *Felicitas*, aí erigida segundo um decreto do senado. Em oposição, refere a existência de fontes *plures certioresque*, que o dão como nascido em Roma — com indicação da data e do cônsul em exercício, para maior precisão e conseqüente garantia de veracidade. Em defesa da sua convicção, evoca os *fasti* e os *acta publica*.¹⁷ Acrescenta ainda, sem comentar, que outros o fazem nascer um ano antes ou um ano depois. No que respeita ao lugar de nascimento de Calígula (*Cal.* 8), encontramos a mais interessante discussão das fontes de toda a obra de Suetónio. Começa por apresentar a teoria de Lêntulo Getúlico, segundo a qual Calígula teria nascido em Tíbur. De seguida, expõe a de Plínio-o-Velho, que o faz nascer em Ambitárvio, para lá de Confluentes, sustentada com uma prova arqueológica: um altar com a inscrição *ob Agrippinae puerperium*. Depois, cita uns versos que o dão como *in castris natus* (*Cal.* 8.1). Finalmente, apresenta a sua própria opinião, fundamentada *in actis*, de que ele nasceu em Âncio. A seguir, vai fazer a refutação sucessiva das afirmações anteriores. O próprio Plínio contradiz Getúlico, que acusa de mentir por adulação, ao fazer o imperador nascer na cidade de Hércules (*Cal.* 8.2). Contra Plínio, apresenta Suetónio a *ratio temporum*: Germânico partiu para a Gália depois do nascimento do

nada prova que Suetónio os tenha usado directamente: pode tê-los encontrado referidos em uma das suas fontes literárias onde se contasse a mesma história.

¹⁵ Segundo GASCOU, J. 1984, 461-462, não há razão para crer que se trate do filho de Tibério (que pronunciou um elogio fúnebre de Augusto), nem do irmão de Tibério, pois estes não tinham o *praenomen* de Gaio.

¹⁶ *Tiberium quidam Fundis natum existimauerunt secuti leuem coniecturam.*

¹⁷ *Acta populi* ou *acta diurna*: cf GASCOU, J. 1984, 485-487. Esta espécie de "jornal do povo romano" encontrava-se disponível nas bibliotecas, pelo que Suetónio teria acesso a estes documentos, mesmo que não exercesse o cargo de *a bibliothecis*.

filho (*Cal.* 8.3). Acrescenta-lhe uma discussão de carácter linguístico, baseada nos seus conhecimentos de *grammaticus*, para refutar a prova do altar: *puerperium* tanto poderia designar nascimento de um menino como de uma menina. Cita ainda uma carta de Augusto à neta Agripina, que prova que Gaio só aos dois anos saiu de Roma (*Cal.* 8.4). Quanto aos versos que o fazem nascer no acampamento, não lhes dá crédito, *quod ii sine auctore sunt*.¹⁸ Tira a conclusão lógica de que *restat et publici instrumenti auctoritas*.¹⁹ Acrescenta ainda uma razão psicológica: o amor de Calígula por Âncio, que o leva a querer mudar para esta cidade a corte (*sedem ac domicilium imperii*). Compreende-se esta preocupação de rigor. Refutar alguém como Plínio exigiria provas convincentes (8.5).²⁰ Suetónio usa aqui os seus conhecimentos linguísticos,²¹ não por mera erudição, mas para averiguar a verdade histórica. A precisão na localização da casa onde nasceu Galba (*Gal.* 4.1: ... *in uilla colli superposita prope Tarracinam sinistrorsus Fundos petentibus*) e Domiciano (*Dom.* 1.1: ... *regione urbis sexta ad Malum Punicum, domo quem postea in templum gentis Flaviae conuertit*) sugere que o biógrafo conhece os lugares, mas também prova a importância que atribui à documentação material.²² Sobre o segundo dos Flávios, Tito, o interesse de Suetónio pela antiquária revela-se mais uma vez, a propósito do local de nascimento (*Tit.* 1), o *cubiculus uero perparuus et obscurus*, pela expressão *manet adhuc et ostenditur*.²³ Serve para acentuar a origem humilde do nascimento, em contraste com a grandeza de alma.

Na primeira parte das *Vidas*, onde se relatam, de forma predominantemente cronológica, os acontecimentos que antecedem a ascensão ao trono imperial, há citações que reforçam os sinais do carácter que serão, mais tarde, explorados por categorias (*species*). Exemplo de citação literal é o excerto seleccionado do elogio fúnebre de César a sua tia Júlia (*Jul.* 6.1). A referência à origem real e divina da família constitui elemento explicativo da vaidade e da ambição de César e, desde logo, coerente com a *Vida* no seu todo: tais qualidades do carácter irão desencadear a ascensão do ditador (*Jul.* 29-30) e a sua perda (*Jul.* 76.1).

¹⁸ Não usa sempre este critério, pois, segundo afirma BALDWIN, B. 1983, 160, Suetónio, em *Aug.* 70.1, cita uns versos *sine auctore*. Mas a situação não é a mesma. No caso de Augusto, os versos são vistos como uma prova suplementar que confirma a acusação de António, enquanto em Calígula estão em contradição com outras fontes de maior credibilidade.

¹⁹ Trata-se dos *acta populi* ou *acta diurna*, segundo GASCOU, J. 1984, 485-487; CONINCK, L. DE 1991, 3683 n. 48, designa-os por *acta Urbis*. GASCOU, J. 1984, 544-545, salienta que se trata do germe de um método histórico moderno, que confronta os dados da tradição com os dos documentos e faz prevalecer a veracidade dos documentos oficiais sobre a das outras fontes: Getúlio pode ser tendencioso, Plínio pode equivocar-se.

²⁰ Há quem veja aqui uma tentativa de corrigir, com fundamento, o texto de Tácito, *Ann.* 1.41.2, que apresenta Calígula *in castris genitus*: cf. BALDWIN, B. 1983, 160. Mas será mais correcto falar de distanciamento em relação à tradição: vide intr. ao com. de WARDLE, D. 1994, 55-56.

²¹ ALMEIDA, J. M. 1959, 87-88 e 117-118, salienta o valor desta discussão de Suetónio para o estudo da semântica e do léxico latinos.

²² Observa-se um certo estilo de guia arqueológico, como diz GASCOU, J. 1984, 539.

²³ Advertência que se repete, como num guia turístico (cf. *Aug.* 1.1; *Aug.* 6; *Tib.* 6.3; *Tib.* 62.2)). Sobre os objectos e monumentos que se tornaram objecto de veneração pela sua associação com um imperador e para os quais Suetónio constitui um guia autorizado, vide ALLEN, W., Jr. 1958, 35 1-4; GASCOU, J. 1984, 538.

Para fundamentar a grave *suspicio* (*Jul.* 9.1) de que César, em 65 a. C., tenha conspirado com Crasso para atacar o senado e instaurar a ditadura, Suetônio apela ao testemunho da *historia* de Tanúsio Gémino,²⁴ aos *edicta* de Marco Bíbulo²⁵ e refere uma possível alusão a esse facto numa carta de Cícero a Áxio (*Jul.* 9.2).²⁶ Tanúsio explica a razão do fracasso da intentona. Curião pai, uma fonte usada em situações desfavoráveis,²⁷ precisa o sinal combinado: César deixaria cair a toga do ombro. Finalmente volta a citar Curião, juntando-lhe o testemunho de Marco Actório Nasão, fonte hostil a César,²⁸ para afirmar que com eles conspirava também Pisão.

Os reflexos da polémica com Marco António figuram ao longo da *Vida* de Augusto. Para afirmar *certa probatione* que Augusto em criança usara o *cognomen* de *Thurinus*, o biógrafo serve-se da já referida prova arqueológica: uma estatueta de Octávio menino, com esse nome escrito, que o biógrafo ofereceu a Adriano (*Aug.* 7.1). António usa esse nome como insulto numa carta, ao que Augusto responde com espanto por ver o seu real nome da meninice transformado em opróbrio: além da prova do lugar dos antepassados, junta-se a da modéstia de Augusto, que não escondia a origem humilde.²⁹ A propósito das guerras, cita-se António a acusar Augusto de uma fuga covarde do campo de batalha (*Aug.* 10.4) e de não ser capaz de olhar o exército em linha de combate (*Aug.* 16.2). Quer num caso, quer noutro, o biógrafo não parece convencido. Ao primeiro, contrapõe uma atitude corajosa de Augusto; e no segundo, insinua que António aproveitou um sono profundo de Augusto como pretexto para a acusação. Outra fonte hostil é Aquílio Nigro,³⁰ que acusa Augusto do assassínio do cônsul Hírcio, durante o combate (*Aug.* 11).

Também se invoca Júlio Saturnino, fonte hostil,³¹ a propósito da dureza e falta de clemência de Octávio durante as proscricções do triunvirato (27.2). Ainda neste capítulo se cita o próprio Augusto, *De uita sua*, a apresentar a sua versão, pouco convincente, sobre a morte do pretor Quinto Gálio, quando, no dizer de Suetônio, fora torturado e morto devido a uma infundada suspeita de Octávio (*Aug.* 27.2). Suetônio não o citou para mitigar a nota de crueza, pois antes a reforça. Estas fontes denunciam a crueldade de Octávio, enquanto triúviro.

²⁴ Um enfadonho autor de *annales*, segundo o testemunho de Séneca, *Ep.* 93.11. Gémino será autor de uma narrativa contínua das origens (de acordo com informações referentes ao período da monarquia, citadas por Macróbio, 1.16.33) à época contemporânea e terá sido um dos últimos autores de *annales* da República. Cf. BARDON, H. 1952, 264-265.

²⁵ Três vezes colega de César: como edil em 65, pretor em 62 e cônsul em 59.

²⁶ A expressão *in quadam ad Axium epistula* parece sugerir que Suetônio não a leu, mas confiou numa fonte onde a carta seria referida: cf. TOWNEND, G. B., 1982, na sua intr. ao com. de BUTLER, H. E. & CARY M. 1927 (1993), xi.

²⁷ Autor de um diálogo contra César: cf. BARDON, H. 1952, 282-283.

²⁸ BARDON, H. 1952, 284. Sobre o gosto de Suetônio por fontes raras, vide GASCOU, J. 1984, 458ss.

²⁹ Para LEVI, M. A. 1937, 17-18, a recordação pessoal da estatueta tem o único efeito — talvez intencional — de dar maior vivacidade ao relato de um facto já suficientemente provado com a carta de António.

³⁰ Outra das fontes raras de Suetônio, cf. GASCOU, J. 1984, 460.

³¹ GASCOU, J. 1984, 460-461, duvida de que esta fonte rara seja, como alguns crêem, do tempo de Adriano.

No que diz respeito à infância de Tibério, refere-se, como dados arqueológicos dignos de um museu, os presentes que lhe deu Pompeia, irmã de Sexto Pompeio, e que ainda se podiam ver em Baias.³² Esta indicação pode ter significado político — a proximidade com a família de Sexto Pompeio liga Tibério, na sua origem, à oposição senatorial. No momento em que se começa a delinear o mau carácter de Tibério, o testemunho de Augusto mostra-se fundamental. A propósito do afastamento voluntário de Tibério para Rodes, Suetónio refere uma intervenção de Augusto no senado a queixar-se de ter sido abandonado (*Tib.* 10.2); e, transcreve um excerto de uma carta do mesmo a negar ao genro a tutela dos filhos que abandonara.³³ Menciona também a oposição de Augusto, quando o senado discute o *cognomen* a conceder-lhe pelas suas vitórias.³⁴ Sobre o carácter de Tibério, refere um desabafo de Augusto, já no leito de morte, o que é significativo,³⁵ e aduz fontes anónimas — *aliquos tradidisse* — que afirmam que Augusto reprovava abertamente o humor sombrio do seu provável sucessor (*Tib.* 21.2). Para desculpar o *circumspectissimus ac prudentissimus princeps* (*Tib.* 21.3) da escolha de Tibério, Suetónio menciona as razões de estado alegadas por Augusto diante do povo e transcreve excertos da sua correspondência que elogiam os méritos militares de Tibério e o apontam como único socorro do povo romano.³⁶ Esta nota positiva em relação a Tibério é atenuada a seguir, quando Suetónio fundamenta, com a transcrição do início do testamento de Augusto, a desconfiança de que este o teria nomeado sucessor por necessidade e não por escolha.³⁷ Ao citar Augusto, Suetónio não só o iliba da culpa da sucessão de Tibério, como deixa bem claro o contraste entre um e outro e acrescenta dados relevantes para a descrição de Tibério.

De modo semelhante, sobre a natureza *saeua atque probrosa* de Calígula, Suetónio refere o comentário de Tibério, aqui já denominado *sagacissimus senex*, de que Gaio vivia para a sua própria perda e de todos; e que andava a educar uma *natrix* para o povo romano e um *Phaethon* para o universo (*Cal.* 11). Com estas palavras de Tibério, o leitor fica à espera de alguém muito pior do que o velho imperador. Um sonho de Séneca, referido através de um vago *ferunt* (*Nero* 7), associa a natureza de Nero à do tio Gaio Calígula.

Sobre a infância de Cláudio, Suetónio cita um *libellus* do próprio, onde este descreve a dureza do seu preceptor (*Cl.* 2.2).³⁸ Mas a principal fonte desta fase é Augusto, de quem se

³² *Tib.* 6.3: (...) *durant ostendunturque adhuc Bais.*

³³ *Tib.* 11.5: (...) *admonitus est: 'dimitteret omnem curam suorum, quos tam cupide reliquisset'.*

³⁴ *Tib.* 17.2: *Sed de cognomine intercessit Augustus, eo contentum repromittens, quod se defuncto suscepturus esset.*

³⁵ *Tib.* 21.2: *'miserum populum R., qui sub tam lentis maxillis erit'.*

³⁶ Segundo GASCOU, J. 1984, 543, Suetónio restabelece, graças ao documento em primeira mão, a verdade histórica, distorcida pela hostilidade dos historiadores em relação a Augusto e a Tibério. Há quem veja nesta preocupação de citar documentos de Augusto uma tentativa de correcção de Tácito, *Ann.* 1.10.6-7, no que respeita à sucessão: cf. TOWNEND 1967, 89.

³⁷ *Tib.* 23: *'Quoniam atrox fortuna Gaium et Lucium filios mihi eripuit, Tiberius Caesar mihi ex parte dimidia et sextante heres esto.'*

³⁸ Dificilmente será a autobiografia de Cláudio, que tinha oito livros: talvez se trate de uma carta ou qualquer escrito privado: cf. com. de GUASTELLA, G. 1999, 143.

reproduzem vários excertos de cartas a Lúvia (*Cl.* 4) sobre as deficiências do neto. Desde o início, Suetónio pretende deixar claro que se trata de um incapaz. É desencantada opinião de Augusto, que reconhece, no entanto, as capacidades literárias de Cláudio.

Na vida de Otão, a primeira citação é de uns versos satíricos, sobre o triângulo amoroso de Otão — Popeia — Nero (*Otho* 3.2), que provam que o facto se tornou conhecido, contra as providências de Nero, e comprovam a ligação que existia entre os dois, a qual chegava, segundo alguns — *ut uero quidam tradunt* (*Otho* 2.2) —, ao comércio carnal.

Menciona-se Flávio Josefo (*Ves.* 5.6), mas apenas como um jovem cativo que profetiza sobre o futuro imperial de Vespasiano.³⁹ Sobre Tito apresentam-se testemunhos arqueológicos (estátuas, retratos e inscrições) como prova da *summa industriae nec minore modestiae fama* enquanto tribuno militar na Germânia.⁴⁰

Algumas citações prendem-se com a forma de assumir o poder imperial. Para se não limitar à causa imediata da guerra civil, a expulsão do senado dos tribunos da plebe, Suetónio deixa claro que esse é o pretexto de César, pois *causas autem alias fuisse opinantur*. Depois de citar a opinião, igualmente tendenciosa, da parte contrária, um discurso ou outro escrito de Gneu Pompeio (*Jul.* 30.2), apresenta a opinião anónima de *alii*: César temia ser obrigado a prestar contas do seu primeiro consulado e levado à justiça, com que Catão o ameaçava (*Jul.* 30.3). Este motivo é tomado como *probabilius*, com base no testemunho de Asínio Polião sobre as palavras de César depois da vitória de Farsalo.⁴¹ O testemunho valioso: como Asínio Polião é uma fonte favorável, se afirma algo em desfavor de César, é porque é verdade e não o pode esconder. Mais ainda, Polião é testemunha ocular do início de todo o processo — Plutarco coloca-o entre os acompanhantes de César à passagem do Rubicão.⁴² E o testemunho visual é de grande importância para o biógrafo. Introduce-se ainda uma opinião de fonte anónima — *quidam putant* — que denuncia a causa profunda: a ambição de poder. Em apoio desta tese evoca a autoridade de Cícero, com uma citação de *De officiis* (3.82), a propósito de uns versos das *Fenícias* de Eurípides, que César constantemente repetia.⁴³ Ao colocar esta opinião em

³⁹ O próprio Josefo menciona o mesmo facto em *BJ.* 3.8.9.

⁴⁰ *Tit.* 4.1: *sicut aparet statuarum et imaginum eius multitudine ac titulis per utramque prouinciam*. A familiaridade de Suetónio com Germânia e Britânia sugere, na opinião de SYME, B. 1981, 105-117, uma viagem, que, por sua vez, GASCOU, J. 1984, 519-520, considera desnecessária para explicar tais referências.

⁴¹ *Jul.* 30.4: *'Hoc uoluerunt; tantis rebus gestis Gaius Caesar condemnatus essem, nisi ab exercitu auxilium petissem.'*

⁴² Plutarco, *Caes.* 32.7. Em 46.1-2, também este autor cita as palavras de César, pronunciadas depois da batalha de Farsalo; e acrescenta que foram traduzidas do grego por Asínio Polião. Vide GASCOU, J. 1984, 159-172, o qual pensa que Suetónio, no tocante à guerra civil, se inspirou numa tradição favorável a César, mas demarcada do *Corpus Caesarianum*, e deixou as críticas para os capítulos sobre a vida privada. Essa tradição poderá entroncar em Asínio Polião, fonte preferida de Suetónio, por ser favorável e, ao mesmo tempo, um tanto imparcial. Já Veleio Patérculo faz mais panegírico do que relato objectivo e é pouco provável que Suetónio o tenha usado como fonte. Díon Cássio parece preferir Tito Lívio, fonte hostil. Apiano é mais neutral. A hostilidade de Plutarco é devida antes à sua moralizante opinião pessoal do que às fontes que utiliza. Floro prefere os efeitos retóricos à verdade histórica e funda-se mais na tradição anticesariana de Tito Lívio e Lucano.

⁴³ E que o próprio Cícero verteu para latim: *'nam si uiolandum est ius, <regnandi> gratia / uiolandum est: aliis rebus pietatem colas'* (*Jul.* 30.5). São palavras descontextualizadas de um longo discurso: vide MORGAN, L. 1997, 39-40.

último lugar, Suetónio dá-lhe peso. Não que esteja em contradição com o que antes se disse, mas é antes o corolário da investigação: a motivação profunda e pessoal de César, que fez desencadear todo o processo desde o início e que permite a caracterização moral e política de César. Por outro lado, era necessário fundamentar bem este episódio que explica o rumo futuro da vida de César, que o conduz aos idos de Março de 43, e que, em última análise, levará à instauração do principado.

A propósito da hesitação de Augusto em restaurar ou não a República, cita-se um edicto do próprio em que ele, de modo tímido, manifesta o desejo de ser considerado *optimi status auctor* (Aug. 28.1). Suetónio cita também o próprio Tibério (talvez um dos seus discursos), quando este se decide finalmente a aceitar o *imperium*, depois de representar o *impudentissimus mimus* de se fazer rogado (Tib. 24). As palavras acentuam a visão negativa do carácter dissimulado.⁴⁴

A ascensão de Calígula ao trono aparece associada à morte de Tibério.⁴⁵ Em Cal. 12.2, Suetónio parece fundir numa só as narrativas que apresentara da morte de Tibério,⁴⁶ com um elemento comum a ligá-las: Calígula. É ele quem manda envenenar Tibério; quem manda tirar-lhe o anel; e quem, perante a resistência do moribundo, manda lançar sobre ele uma almofada e por suas mãos o sufoca. Suetónio acrescenta o argumento da verosimilhança —*non abhorret a ueritate* (Cal. 12.3) — com o testemunho de *quidam auctores* que afirmam que ele se gloriava da sua *pietas*, por ter sido dominado pela *misericordia*, certa vez que entrara no quarto de Tibério, decidido a apunhalá-lo, para vingar a morte da mãe e dos irmãos. Procura-se tornar mais verosímil um acto criminoso através de um argumento que, provavelmente, seria, por outros, usado para provar que Calígula não era culpado, embora tivesse razões para se vingar.

No que respeita ao governo, entre as medidas de César *ad ordinandum rei publicae statum*, Cícero é de novo citado a propósito do aumento das penas financeiras: para os parricidas, *ut Cicero scribit*, a perda de todos os bens, enquanto os outros criminosos perdiam metade (Jul. 42.3). Mas o passo suscita dúvidas.⁴⁷

Em Aug. 31.5, cita-se um edicto de Augusto, a propósito das medidas religiosas, onde se justifica a dedicação de estátuas aos heróis nacionais, com o fim de servir de modelo a si e aos *principes* futuros. Suetónio apresenta, assim, Augusto numa situação de ruptura e continuidade com o passado: um regime novo, baseado em valores morais de outrora. A respeito da

⁴⁴ Tib. 24.2: 'Dum ueniam ad id tempus, quo uobis aequum possit uideri dare uos aliquam senectuti meae requiem.' Segundo GASCOU, J. 1984, 273, poderá tratar-se de uma recolha dos discursos de Tibério, que Domiciano lia (cf. Dom. 20).

⁴⁵ Cf. Cal. 13.1: *Sic imperium adeptus...*

⁴⁶ Com excepção da morte por fome e da queda ao sair do leito; cf. Tib. 73.

⁴⁷ Para MACÉ, A. 1900, 291-292, a colocação infeliz da referência (*ut Cicero scribit*) na frase sugere que se trata de uma interpolação de um glosador, com base no *Pro Caecina* (34). O com. de BUTLER, H. E. & CARY M. 1927 (1993), dá a alusão como desconhecida. Cf. D'ANNA, G. 1954, 109.

depuração do Senado, cujo número de elementos se tornara excessivo, Suetónio sugere o perigo da tarefa com as precauções de Augusto: além da referência ao uso de uma couraça debaixo da toga, aduz-se a informação de Cremúcio Cordo, fonte hostil,⁴⁸ para fundamentar o novo costume de revistar os senadores que eram recebidos pelo príncipe (*Aug.* 35.2).

Para ilustrar até onde ia a sua parcimónia em ceder, sem justa causa, o *ciuitatis Romanae honos* a qualquer estrangeiro, citam-se duas cartas com a recusa deste privilégio, uma a Lívía e outra a Tibério, que o requeriam para uns seus protegidos (*Aug.* 40.3): trata-se de fundamentar uma medida de carácter moral, e não racista, como veremos mais tarde. Augusto é também citado, sem se referir o lugar,⁴⁹ em *Aug.* 42.2, com medidas impopulares sobre a distribuição de trigo, para provar que estava mais preocupado com o bem comum do que com a popularidade.

Suetónio, que, nas *Vidas*, dá especial importância aos espectáculos, sinal de *liberalitas* (cf. *Aug.* 41.1), refere, com um *ait*, palavras de Augusto das *Res gestae*, embora não as cite pelo nome (*Aug.* 43.1),⁵⁰ sobre o número de jogos que deu em seu nome e em nome dos que não tinham recursos. Sobre a moralização dos espectáculos, cita um edicto (*Aug.* 44.3) a proibir a presença das mulheres nos espectáculos de luta.

Suetónio considera Cláudio um incompetente e um incongruente. Ao descrever a incompetência de Cláudio como juiz, o biógrafo refere as suas próprias memórias pessoais: aquilo que ouviu *a maioribus natu* (*Cl.* 15.3) sobre o abuso dos advogados. Em *Cl.* 21.2, Suetónio cita as *Historiae* de Cláudio para provar a sua contradição: o imperador celebra de novo os Jogos Seculares, a pretexto de terem sido realizados muito cedo por Augusto, mas nas *Historiae* afirma que este fez cuidadosamente a contagem dos anos.⁵¹ Não parece inverosímil que o biógrafo se tenha servido dos escritos de Cláudio na redacção dos capítulos 18 a 25 sobre a reforma administrativa.⁵² Mas, em *Cl.* 25, completa essa informação com referência a edictos, fruto, talvez, de pesquisa nos arquivos. Há que ter em conta que a reforma administrativa é algo muito da competência de Suetónio funcionário imperial.

⁴⁸ A sua obra — *Annales de rebus Augusti* —, que exaltava a memória de Bruto, Cássio e Cícero, foi proibida por um senato-consulta no tempo de Tibério (o *historicus* referido em *Tib.* 61.3) e reabilitada por Calígula (*Cal.* 16.1). Este passo mostra que escreveu sobre o principado, e não só sobre as guerras cívicas, e que recusa participar na idealização de Augusto que então se desenhava: vide TRAENKLE, H. 1980, 231-241.

⁴⁹ Provavelmente o *De uita sua*: cf. GASCOU, J. 1984, 562 n. 406; 748 n. 251.

⁵⁰ MACÉ, A. 1900, 142-143, afirma que Suetónio só poderá ter consultado o texto nos arquivos, uma vez que se não conhecem traços de cópia manuscrita. Segundo LEVI, M. A. 1937, 16, a ausência da indicação do *locus*, reduzido a um vago *ait*, sugere que a citação não é directa e que Suetónio não teve acesso nem ao texto epigráfico nem ao manuscrito. GASCOU, J. 1984, 523-524, acha que se não pode deduzir que Suetónio não consultou in *ipso aere*, nem que não circulava nenhuma cópia; por isso, conclui que, face às semelhanças verbais de vários passos, não há hoje dúvidas de que Suetónio se serviu das *RG*, embora de forma selectiva.

⁵¹ Cf. GASCOU, J. 1984, 508.

⁵² Assim pensa MOMIGLIANO, A. 1932, 317-318, com o argumento de que, em *Cl.* 25, se refere, como efectiva, uma reforma das milícias equestres, que, na realidade, não teve êxito. Ora só o autor da reforma a indicaria: ou porque, quando escrevia, a reforma ainda não tinha caído no esquecimento ou para atenuar a sua rejeição.

A respeito da continuidade de Otão em relação à política de Nero, Suetónio diz que o efémero imperador usa o nome do velho amigo em documentos e nas primeiras cartas, *ut quidam tradiderunt* (*Otho* 7.1). Plutarco⁵³ identifica esta fonte com Clúvio Rufo.

O biógrafo procura determinar em que medida cada imperador se conforma a um modelo. Várias citações dizem respeito a virtudes da vida pública de cada um. Se muitas vezes Suetónio dá a informação sem nomear as fontes, no caso seguinte, nomeia a fonte, mas deixa a informação incompleta. Ao tratar a indulgência de César no tocante às ofensas de poetas hostis, entre os já citados Gaio Mémio e Gaio Calvo, Suetónio refere também Catulo, com um subentendido que, felizmente, hoje entendemos (*Jul.* 73). Como não citou ainda versos ofensivos do Veronense, diz apenas que foram os versos sobre Mamurra, e, sem se alongar, pressupõe que todos sabem que se trata do carme 29. Do modo semelhante, para ilustrar a *moderatio* e a *clementia* do ditador, em *Jul.* 75, regista que suportou *ciuili animo o criminossissimus liber* de Aulo Cecina, e os *maledicentissima carmina* de Pitolau.⁵⁴ Parece que se acabou a curiosidade de citar os versos do capítulo 49. Mas, em boa verdade, estes autores deixam de ser fontes para passarem a fazer parte de informação. Não são aqui tomados como testemunhas: o que escreveram é anterior ao que o biógrafo está a narrar, ao passo que em 49 os versos sublinham os acontecimentos relatados. Agora, o assunto é a reacção clemente de César em relação aos escritores, não a reacção destes às acções de César.

No que diz respeito à *clementia* e *ciuilitas*, anunciadas em *Aug.* 51.1, Suetónio ilustra a primeira com uma citação de uma carta a Tibério sobre a condescendência para com os que diziam mal do imperador (*Aug.* 51.3); e a segunda pela referência a um *grauissimus edictus* a censurar a *adulatio* dos espectadores, que, no teatro, o aclamavam como *dominus* (*Aug.* 53.1). Para fundamentar o respeito pela religião tradicional, Suetónio cita uma carta a Tibério onde Augusto explica que procura evitar maus presságios (*Aug.* 92.2). Estes documentos permitem fundamentar uma evolução moral e política em relação a César, na forma de Augusto encarar o poder, e estabelecer um modelo que será objecto, por contraste, de futuras degenerações. Em *Cal.* 17.1, há rejeição de fontes anteriores: Calígula iniciou sozinho o consulado em Lugduno, *non ut quidam opinantur superbia neglegentiaue*, mas por desconhecimento da morte do colega.⁵⁵ O uso de *quidam* parece sugerir, neste caso, menosprezo do juízo. Tal confutação explica-se pela relação entre a estrutura desta *Vida* e a intenção caracterológica de Suetónio, que, nesta parte, disserta *quasi de principe* (por oposição ao *monstrum*): embora

⁵³ *Otho*, 3.2.

⁵⁴ Esta obra de Cecina seria *liber querellarum* sobre a *mitis clemensque natura* de César: cf. Cícero, *Fam.*, 6.5-8. Cecina era pompeiano. César deixou-o viver, mas não voltar a Itália. Cf. BARDON, H. 1952, 283. Portanto, também aqui Suetónio é demasiado benevolente com César. Pitolau poderá ser o liberto e biógrafo de Pompeio Estrabão e Pompeio Magno ou Pitoleonte de Rodes, mencionado por Horácio e associado a Calvo e Catulo. Vide BARDON, H. 1952, 272 n. 11; BALDWIN, B. 1983, 112-113; 118-119; LEWIS R. G. 1966, 271-273; TREGGIARI, S. 1969, 264-266.

⁵⁵ Também Dión Cássio, 59.24.2, desculpa Calígula. Cf. intr. ao com. de WARDLE, D. 1994, 55.

refira aqui e além aspectos duvidosos (que parecem justificar o *quasi*), pretende apresentar sobretudo a face positiva do carácter de Calígula.

Também em *Cal.* 19.3, Suetónio se distancia da tradição para introduzir um novo tipo de fonte: as memórias familiares. A propósito da construção da ponte de barcas em Baias, depois de apresentar o argumento da maioria — *scio plerosque existimasse* —, no sentido de que era para rivalizar com a ponte que Xerxes lançara sobre o Helesponto, e de *alii* que viam na construção uma forma de impressionar os Germanos e os Bretões que ameaçavam com a guerra, o biógrafo (por meio de um *sed* que marca a adesão do autor ao que vai dizer a seguir) refere o que, quando *puer*, ouvira ao avô, o qual, por seu turno, já recolhera a versão oral de íntimos do palácio: o espectáculo seria uma *auersio ominis*, destinada a contrariar uma predição desfavorável do astrólogo Trasilo, que dissera a Tibério que Gaio tinha tanta hipótese de ser imperador como de atravessar a baía de Baias a cavalo.⁵⁶ Neste caso há já uma leve sugestão do lado negro, pois a explicação é coerente com a apresentação de Calígula desrespeitador dos deuses tradicionais, mas vinculado a superstições (como se vê em *Cal.* 51.1).

Em *Cl.* 11.3, a propósito da piedade filial para com o avô Marco António e o pai Druso, Suetónio refere um edicto de Cláudio. Trata-se de fundamentar uma das poucas virtudes concedidas a Cláudio.

No lado oposto, figuram os vícios da vida pública. Suetónio anuncia que passa a relatar os *facta dictaque* que tornam César culpado de tirania e merecedor da morte (*Jul.* 76.1). Para umas graves *inpotentiae uoces* contra a República, cita Âmpio, um pompeiano dos mais acérrimos,⁵⁷ que retratam o espírito tirânico de César.

A propósito do ódio contra os familiares (*Tib.* 50.1) e, concretamente, da deterioração da relação de Tibério com a mãe, referem-se uns *codicilli* de Augusto *de acerbitate et intolerantia morum eius*, que a própria Lívia lhe lança em rosto (*Tib.* 51.1). Suetónio faz Lívia confirmar aquilo que Augusto já há muito previa. Para ilustrar a crueldade de Tibério, Suetónio cita uns versos satíricos (*Tib.* 59) dirigidos contra o imperador. Para provar que o papel de Sejano não era tão determinante como se dizia, Suetónio cita, com o intuito de o contestar, um excerto de Tibério, *De uita sua* (*Tib.* 61.1), em que este justifica a morte de Sejano com o facto de ter descoberto a ira do valido contra os filhos de seu filho Germânico. Ora Suetónio procura demonstrar que tal afirmação é falsa, porque um foi morto quando já Sejano era suspeito e o

⁵⁶ Cf. GASCOU, J. 1984, 512-513 n. 229; WARDLE, D. 1994, 55-56.

⁵⁷ *Jul.* 77: 'Nihil esse rem publicam, appellationem modo sine corpore ac specie. Sullam nescisse litteras, qui dictaturam deposuerit. Debere homines consideratius iam loqui secum ac pro legibus habere quae dicat.' César menciona Âmpio em *Civ.*, 3.105 e Cícero, *Att.*, 8.11b e *Fam.*, 6.12, apresenta-o como biógrafo de homens corajosos. Nas suas biografias incluía uma de César, publicada certamente depois da morte deste, dado o conteúdo daquelas afirmações, como nota BARDON, H. 1952, 284. Sobre as implicações políticas das afirmações de César, vide MORGAN, L. 1997, 23-40; GASCOU, J. 1984, 463-464.

outro depois da sua desgraça. Entre as condenações injustificadas, conta-se a de um poeta,⁵⁸ executado porque injuriou Agamémnon numa tragédia, e um historiador, que sabemos ser Cremúcio Cordo,⁵⁹ por ter dito que Bruto e Cássio foram os últimos dos Romanos. Cita-se ainda, no mesmo capítulo, um *uir consularis*, autor de *Annales*, que tem sido identificado com Servílio Noniano,⁶⁰ a relatar como o reparo de um anão influenciou Tibério e fez com que ele escrevesse ao senado a apressar a justiça sobre um acusado.

Para ilustrar o aumento da *saeuitia* com um castigo especial, Suetónio refere um lugar maldito — mais uma curiosidade arqueológica —: que ainda se pode ver em Cápreas: o local das execuções, a rocha de onde Tibério mandava precipitar os condenados,⁶¹ o que denota, juntamente com as referências aos presentes mostrados em Baías (*Tib.* 6), o gosto da antiquária e, na opinião de alguns, o resultado das suas viagens de pesquisa confirmativa.⁶² Mas o que ressalta na biografia é o pitoresco de um lugar amaldiçoado pelas atrocidades de Tibério, circunstância que desencadeia as emoções do leitor.

Na parte em que descreve o *monstrum* (*Cal.* 22 ss.), ao verificar que Calígula, em carta ao senado, acusa a bisavó Lúvia Augusta de *ignobilitas*, argumentando que ela tinha por avô um decurião de Fundos, Suetónio contrapõe a tal acusação (*Cal.* 23.2) o testemunho dos *publica monumenta*⁶³ que comprovam que Aufídio Lurcão exerceu *honores* em Roma. Suetónio coloca lado a lado e avalia dois documentos contraditórios e opta pelas fontes melhores, com o objectivo de desmentir Calígula e acentuar a sua *impietas*.

A propósito da avareza de Vespasiano citam-se várias fontes anónimas: *dicitur...* (4.3); *Creditur... dicebatur...* (16.2); *Quidam tradunt... Sunt contra qui opinentur...* (16.3). Neste caso, o facto de se acumularem rumores contraditórios parece abonar a favor do imperador. Na vida de Domiciano, Suetónio evoca, mais uma vez, as recordações pessoais — *me adulescentulum memini* (*Dom.* 12.2) — sobre o exagerado rigor na aplicação do imposto sobre os Judeus, que exemplifica até onde ia a avidez do imperador.

Grande relevo dá também o biógrafo às virtudes e vícios da vida privada. Para relatar os vícios da vida privada de César, Suetónio segue sobretudo fontes hostis. Sobre a reputação de sodomita de César (*Jul.* 49), Suetónio dá largas ao seu gosto pelo escândalo e relata o opróbrio

⁵⁸ Mamerco Escauro, segundo parece: cf. Tácito, *Ann.* 6.29.3.

⁵⁹ Porque no-lo diz Tácito, *Ann.* 4.34.1 e Dión Cássio, 57.24.2-4. Os seus escritos serão de novo reabilitados por Calígula; cf. *Cal.* 16.1.

⁶⁰ Cf. BALDWIN, B. 1983, 154. Vide GASCOU, J 1984, 251-279. Servílio Noniano seria, juntamente com Aufídio Basso e Séneca pai, uma das fontes desfavoráveis, seguidas por Suetónio e Tácito, para os reinos de Tibério a Cláudio. Pensa-se que Aufídio Basso era apenas um homem de letras; Séneca pertencia à ordem equestre, mas de Servílio Noniano sabe-se que fez carreira senatorial, foi cônsul e depois procônsul da África. Este escritor representa, portanto, a oposição senatorial a Tibério.

⁶¹ *Tib.* 62.2: *Carnificinae eius ostenditur locus Capreis, unde damnatos post longa et exquisita tormenta praecipitari coram se in mare iubebat*. O local ainda hoje é apontado pelos guias turísticos como "o salto de Tibério".

⁶² O com. de LINDSAY, H. 1995, 169-170, sugere que Suetónio visitou o local. GASCOU, J. 1984, 539, nega tal visita, pois trata-se apenas de afiançar que estes crimes são uma realidade histórica.

⁶³ Segundo GASCOU, J. 1984, 532, deve tratar-se de inscrições com o *cursus honorum* desta pessoa.

a

que o ditador se expôs devido à sua relação com Nicomedes da Bitínia. Começa pelas fontes menos credíveis: cita invectivas de teor sexual do poeta Licínio Calvo; de Dolabela; de Curião pai; de Bíbulo; de Marco Bruto, um dos algozes, que, por sua vez, cita um certo Octávio.⁶⁴ Como opiniões mais credíveis — realçadas com um *Sed* — figura Mémio, que contra César pronunciou discursos violentos;⁶⁵ cita as cartas de Cícero e umas palavras irônicas que o orador disse a César quando este defendia, no senado, a causa da filha de Nicomedes.⁶⁶ *Denique* os versos jocosos dos soldados no triunfo gaulês.⁶⁷ E o biógrafo, implicitamente, dá o facto como provado.

A corrupção de mulheres ilustres, entre as quais as mulheres de Gneu Pompeio, é comprovada pela acusação que Curião pai e filho, apoiados por *multi*, fazem a Pompeio de ter casado, por ambição do poder, com a filha do homem a quem chamara Egisto e que o obrigara a repudiar a mulher (*Jul.* 50.1). Sobre a paixão por Servília, a quem dera, a baixo preço, imensas propriedades vendidas em hasta pública, e sobre os rumores de que ela concedia a César os favores da filha Tércia, Suetónio cita um espirituoso jogo de palavras de Cícero.⁶⁸ A propósito do adultério com mulheres das províncias, transcreve de novo uns versos do triunfo gaulês.⁶⁹ A respeito dos amores às rainhas, com quem César foi muito perdulário, evoca-se o testemunho desfavorável de Marco Actório Nasão sobre a ligação, menos conhecida, com a rainha Êunoe da Mauritânia e sobre os donativos feitos a ela e ao marido (*Jul.* 52.1). Da ligação a Cleópatra e dos dons que lhe fez, toda a gente tem notícia: não precisa Suetónio de apresentar testemunhos. O mesmo se não pode dizer da controvérsia sobre a filiação de Cesarião. Começa Suetónio por apontar a opinião de *nonnulli Graecorum*, entre os quais se poderá incluir Plutarco ou uma das suas fontes,⁷⁰ sobre as semelhanças físicas. Mas à afirmação de António, de que César o reconheceu como filho, como sabiam os seus amigos Mácio e Ópio,⁷¹ contrapõe Suetónio um livro que Ópio escreveu a negar a paternidade (*Jul.* 52.2). Ao colocar esta opinião em último lugar, Suetónio parece sugerir que é a sua.

⁶⁴ Suetónio refere apenas termos isolados, mas significativos — '*paelex reginae*'; '*sponda interior regiae lecticae*'; '*stabulum Nicomedis*'; '*Bithynicum fornix*' — que fariam parte da invectiva política: cf. GASCOU, J. 1984, 549.

⁶⁵ E com quem César mais tarde se reconciliou, tal como com o poeta Licínio Calvo, já referido, e Catulo: cf. *Jul.* 73.

⁶⁶ *Jul.* 49.3: '*Remoue,*' inquit, '*istaec, oro te, quando notum est, et quid ille tibi et quid illi tute dederis.*' Como nota MACÉ, A. 1900, 297-298, Suetónio dá a última palavra a Cícero.

⁶⁷ *Jul.* 49.4: '*Gallias Caesar subegit, Nicomedes Caesarem: / Ecce Caesar nunc triumphat qui subegit Gallias, / Nicomedes non triumphat qui subegit Caesarem.*'

⁶⁸ *Jul.* 50.2: '*Quo melius*' — inquit — '*emptum sciatis, tertia deducta.*'

⁶⁹ *Jul.* 51: '*Vrbani, seruate uxores: moechum caluom adducimus. / Aurum in Gallia effutuisti, hic sumpsisti mutuuum.*'

⁷⁰ Cf. *Caes.* 49.10. *Ant.* 54.4; 71.2; 81.2. Vide BALDWIN, B. 1983, 117-118.

⁷¹ Ópio é um amigo íntimo de César e responsável pela correspondência. A obra de Ópio sobre César seria largamente panegírica. (Cic. *Q. fr.* 3.1.8; Gell. 17.9.1). Figura em *Jul.* 72, a ilustrar a *facilitas* e *indulgentia* de César para com os amigos. Segundo TOWNEND, G. B. 1987, 325-342, Suetónio parece dever a Ópio o esquema de abordagem de César, e dos seus sucessores, em termos das suas características dominantes, ilustradas com anedotas retiradas da sequência cronológica.

Suetônio termina a questão dos amores de César recapitulando e generalizando a *impudicitia* e os *adulteria*, com um excerto dos discursos de Curião sobre a fama de César como sodomita e adúltero.⁷²

No que respeita à vida privada de Augusto, o próprio aparece a indicar a razão do divórcio em relação a Escribônia.⁷³ Em *Aug.* 63.2, cita-se Antônio a acusar Augusto de ter feito sucessivas promessas de casamento, com fins políticos, no tocante à sua filha Júlia. Em *Aug.* 64.2, no contexto da severidade da educação dada à filha e à neta, no rígido respeito do *mos maiorum*, regista-se uma carta de Augusto a repreender L. Vinício pelo atrevimento de vir saudar a sua filha a Baias.⁷⁴ Assim se absolve Augusto da suspeita de que uma educação descuidada estaria na origem do desvario das Júlias, e se acentua a desventura do pai, relatada a seguir.⁷⁵

Quanto à vida sexual de Augusto, o testemunho de Sexto Pompeio, Marco Antônio e Lúcio Antônio (*Aug.* 68) apresenta-o como efeminado, na sua juventude, e prostituído a César e Hércio. Sobre os muitos adultérios, Suetônio evoca, mais uma vez, o testemunho de Antônio (*Aug.* 69). Dele transcreve uma carta, em tom familiar, onde abunda o turpilóquio (*Aug.* 69.2). As cartas de Antônio são ainda referidas como prova de um jantar secreto chamado "festim dos doze deuses" (*Aug.* 70.1), a propósito do qual se citam ainda uns versos anónimos. Sobre a acusação de que Augusto era viciado no jogo dos dados, Suetônio dá-a como provada transcrevendo (*Aug.* 71.2-4) excertos de duas cartas de Augusto a Tibério e outra à filha.

No que respeita ao abuso de matronas, Calígula manda registrar nos *acta*⁷⁶ o divórcio em nome dos maridos ausentes das mulheres que lhe agradam (*Cal.* 36.2). Assim aquele documento torna-se testemunho da falta de pudor do príncipe.

Clúvio Rufo é referido (*Nero* 21.2) apenas como *consularis*, a servir de arauto a Nero, o que faz pensar que seria uma fonte demasiado favorável ao imperador e, por isso, menos credível. Em *Nero* 28.2, ao dizer que Nero *matris concubitum appetisse*, Suetônio usa uma versão diferente da de Tácito,⁷⁷ que, seguindo Clúvio Rufo, afirma que o incesto foi da iniciativa de Agripina. Suetônio parece mesmo contestar esta ideia servindo-se de outra evidência —*nemo dubitavit*—: Nero tinha entre as suas concubinas uma meretriz parecida com Agripina; e de rumores —*affirmant*— sobre o comportamento incestuoso do príncipe na liteira em que seguia com a mãe. Esta ideia é de novo reforçada com o testemunho de *nec incerti auctores* (*Nero* 34.4) sobre o desrespeitoso exame do cadáver de Agripina.

⁷² *Jul.* 52.3: *At ne cui dubium omnino sit et impudicitiae et adulteriorum flagrasse infamia, Curio pater quadam eum oratione 'omnium mulierum uirum et omnium uirorum mulierum' appellat.* Vê-se que é uma fonte parcial, exageradamente hostil, que leva o biógrafo a contradizer-se a si próprio, pois afirmara em 49.1: *Pudicitiae eius famam nihil quidem praeter Nicomedis contubernium laesit.*

⁷³ *Aug.* 62.2: *'Pertaesus — ut scribit — morum peruersitatem eius.'* Talvez se trate do *De uita sua*: cf. GASCOU, J. 1984, 177-178 n. 12; 504. Para Antônio (*Aug.* 69.1), as razões são exactamente opostas: Escribônia é que acusava Augusto de imoralidade.

⁷⁴ Em *Aug.* 65.2, dá-se notícia de que a desonra da filha o magoa mais do que a morte.

⁷⁵ *Aug.* 65.1: *Sed laetum eum atque fidem et subole et disciplina domus Fortuna destituit.*

⁷⁶ Talvez *acta populi* ou *acta diurna*: cf. GASCOU, J. 1984, 487-488

⁷⁷ *Ann.* 14.2. Suetônio seguiu talvez a versão de Fábio Rústico.

Algumas citações dizem respeito aos hábitos diários dos imperadores. A contrastar com os desmandos sexuais, atesta Suetónio para César, baseado em Marco Catão, a moderação na bebida,⁷⁸ e uma indiferença, quase proverbial, pela comida, segundo uma anedota contada por Gaio Ópio, amigo de César (*Jul.* 53).⁷⁹ Sobre os hábitos alimentares de Augusto, Suetónio cita três excertos de cartas suas (*Aug.* 76) e sobre a exemplar moderação no vinho (*Aug.* 77) segue a informação de Cornélio Nepos.⁸⁰ Também esta é uma nota importante para a definição da personagem.

Sobre a selecção de pessoas para os jantares e tratamento dos libertos, de acordo com o seu estatuto social, Suetónio evoca, com aprovação (*Aug.* 74), o testemunho de Valério Messala⁸¹ e o do próprio Augusto (certamente em *De uita sua*) sobre a excepcional permissão para a sua mesa, dada, por mérito, ao liberto Mena, que lhe entregara a esquadra de Sexto Pompeio. Tal decisão reflecte a moral social preconizada por Augusto (e pelo biógrafo) e aparece em coerência com o critério de atribuição da cidadania romana (*Aug.* 40.3).

Algumas citações ajudam ao retrato dos Césares. No que respeita ao aspecto físico de Augusto, Suetónio cita, com dúvida, as palavras de Júlio Márate, liberto de Augusto, que o apresenta mais alto do que era na realidade (*Aug.* 79.2). Na descrição psicofísica de Tibério, quanto a *omnia ingrata atque arrogantiae plena* do seu carácter, a autoridade é, como já vimos atrás, Augusto, que o tentara desculpar junto do senado, dizendo *naturae uitia esse, non animi* (*Tib.* 68.3).

Campo importante para o biógrafo é o da cultura literária dos césares. Se o imperador juntar os dotes de homem de acção e de cultura, como César e Tito, torna-se um modelo. Suetónio anuncia que se propõe caracterizar César segundo a *eloquentia* e a *res militaris* (*Jul.* 55.1), isto é, segundo o dualismo romano da *arma / toga*, que César reúne em si.⁸² Se as virtudes militares, que exporá em *Jul.* 57-70, são comprovadas pelo seu êxito militar e devoção dos soldados, a virtude oratória fundamenta-se em testemunhos autorizados. Acerca da elegante e esplêndida eloquência de César, procura Suetónio o testemunho do maior especialista: Cícero, no seu *Brutus*⁸³ (*Jul.* 55.1), e numa carta a Cornélio Nepos⁸⁴ (*Jul.* 55.2). Sobre as suas *orationes*, serve-se do *non immeritus*, aos olhos do biógrafo, julgamento de Augusto, que considera o *Pro Quinto Metello* publicado pelo estenógrafo e não por César (*Jul.* 55.3) e que

⁷⁸ O que é notável, vindo de um apreciador de vinho, segundo Plutarco, *Ca.Mi.* 6.1-2. BALDWIN, B. 1983, 113, afirma que Suetónio talvez cite esta fonte para corrigir Plutarco, visto este registar duas vezes que Catão apelida César de bêbedor: *Cat. Mi.* 24.1; *Brut.* 5.2.

⁷⁹ Sobre uma comparação com Plutarco, *Caes.* 17.9-10, cf. TOWNEND, G. B. 1987, 339.

⁸⁰ O fragmento citado por Suetónio reflectirá a guerra de propaganda entre Octávio e António: cf. GEIGER J. 1980, 112-114.

⁸¹ Autor de um *De bello ciuili* e *De Romanis familiis*.

⁸² *Eloquentia militarique re aut aequauit praestantissimorum gloriam aut excessit*. Já de si significativo é o facto de Plutarco, nas *Vidas Paralelas*, colocar César lado a lado com Alexandre.

⁸³ 252; 261.

⁸⁴ *Ep.*, fr. 2.4.

julga de autenticidade duvidosa os dois discursos *Apud milites in Hispania*. De Asínio Polião recebe a informação suplementar de que César nem sequer teve tempo para proferir o segundo daqueles discursos (*Jul.* 55.4). Dos escritos, tratados no capítulo 56, Suetónio considera em primeiro lugar os de maior importância para o biógrafo e historiador: os *Commentarii* de César. Para atestar a pureza do estilo, o biógrafo evoca de novo a autoridade de Cícero, no *Brutus*⁸⁵ (*Jul.* 56.1-2), e de Hércio⁸⁶ (56.3). Já no que diz respeito à verdade histórica, socorre-se do juízo de Asínio Polião, que, com verosímil imparcialidade, contesta a veracidade de César.⁸⁷ Os testemunhos não são contraditórios — uma coisa é o estilo, outra a verdade histórica: mas, uma vez mais, ao apresentar tão solidamente o testemunho da falta à verdade em último lugar, Suetónio parece aderir à censura. Esta posição poderá explicar a ausência dos *Commentarii*, como fonte, na *Vida* de César. Finalmente refere-se (*Jul.* 56.7) uma carta de Augusto a Pompeio Macro a vetar a publicação dos trabalhos menores de César: *Laudes Herculis, Oedipus* e *Dicta collectanea*.

Sobre o *genus eloquendi* claro de Augusto e a sua aversão ao arcaísmo, cita Suetónio vários excertos de cartas a Tibério, a António e à neta Agripina (*Aug.* 86). Em *Aug.* 87, refere ainda expressões curiosas, retiradas das cartas de Augusto. As considerações sobre a grafia (*Aug.* 87.3) e sobre um código por ele usado (*Aug.* 88) parecem sugerir a consulta de cartas autógrafas, às quais o biógrafo teria acesso, ou pelas funções administrativas que desempenhava ou por se encontrarem publicadas (muito provavelmente junto com as de António) ou pelas duas razões — a força da expressão *Notauit et in chirographo* (*Aug.* 87.3) contribui para sugerir verosimilhança ao relato.⁸⁸ Constitui prova do interesse de Augusto pela cultura um edicto no sentido de dar a conhecer obras ao povo (*Aug.* 89.2).

Suetónio condena a falta de senso de Cláudio que, para mais, era culto (*Cl.* 40.3). Para ilustrar a erudição do imperador, em *Cl.* 41.3, aponta livros e os *acta diurna* como documentos das letras introduzidas por Cláudio.⁸⁹ Paradoxalmente, o biógrafo serve-se várias vezes de Cláudio como fonte para a sua própria falta de senso. Sobre a consciência da própria *stultitia*, apresenta

⁸⁵ 262.

⁸⁶ Opinião expressa no prefácio do livro VIII de *De bello Gallico*, que, como se sabe, é da sua autoria.

⁸⁷ *Jul.* 56.4: *Pollio Asinius parum diligenter parumque integra ueritate compositos putat, cum Caesar pleraque et quae per alios erant gesta temere crediderit et quae per se, uel consulto uel etiam memoria lapsus perperam ediderit; existimatque rescripturum et correcturum fuisse*. O último período redundava numa tentativa, por parte de Asínio Polião, de desculpar ou antes mitigar as faltas de César à verdade histórica e num esforço de simpatia que dá credibilidade às pouco elogiosas palavras anteriores. De qualquer modo, como nota BALSDON, J. P. 1957, 19-28, os escritos de César não são história (*annales* ou *historiae*), mas *commentarii*; e o juízo correcto sobre as obras de César tem de estar entre a visão dos que rejeitam por completo as palavras de César e os que crêem que tudo o que ele diz é verdade.

⁸⁸ LEVI, M. A. 1937, 14-15, é de opinião que as cartas de Augusto deviam estar publicadas juntamente com as de M. António, e as observações sobre a grafia e criptografia de Augusto fariam parte de informação independente, como a de Quintiliano, *Inst.* 1.7.22 [se as cartas de António citadas só podiam ser consultadas em recolhas publicadas, não é correcto estabelecer critério diferente para Augusto (p. 15 n.1)]. Logo, a pesquisa de Suetónio nos arquivos, para as cartas de Augusto, não era necessária nem está suficientemente provada. BALDWIN, B. 1983, 139, parece aceitar as implicações desta teoria. Pelo contrário, GASCOU, J. 1984, 471ss, rejeita-as, como base no significado de *notauit*, que implicaria um real manuseamento (*Aug.* 87.3). Reconhece, no entanto, que as cartas estariam, em parte, publicadas.

⁸⁹ Cf. GASCOU, J. 1984, 485-487.

como testemunho *quidam oratiunculae*, onde a declara simulada, para se salvar, durante o principado de Gaio (Cl. 38.3). E, como contraprova indica o livro intitulado *Moron epanastasis*, a demonstrar *stultitiam neminem fingere*.⁹⁰ Para ilustrar a sua *obliuio et inconsiderantia*, diz Suetónio que Cláudio, estando para desposar *contra fas* Agripina, em todos os discursos (Cl. 39.2) lhe chamava *filia et alumna et in gremio suo nata atque educata*. Depois da morte, a *damnatio memoriae* acabou por criar um retrato mais negativo de Nero. Ora Suetónio mantém uma certa atitude crítica. Em *Nero* 52, apresenta, como prova, uns *pugillares libellique* que tivera na mão, com uns versos autógrafos laboriosamente limados, contra a opinião (*ut quidam putant*) de que ele divulgava como seus versos de outros. Entre estes *quidam* podemos encontrar Tácito,⁹¹ ou, como sugere o plural, fontes seguidas por aquele historiador.

Alguns testemunhos invocados acentuam a aceitação ou rejeição por parte dos súbditos. Citar um edicto ou um decreto do senado torna um relato verosímil, mas nem sempre os documentos oficiais são apresentados como a prova mais convincente. Sobre a estima que por Augusto tinham todos os *ordines*, Suetónio afirma explicitamente (*Aug.* 57.1): *omitto senatus consulta, quia possunt uideri uel necessitate expressa uel uerecundia* («não transcrevo os senatos-consultos, porque podem parecer ditados por obrigação ou por deferência»). Para exprimir o consenso na atribuição do título de Pai da Pátria e a sinceridade do afecto dos proponentes, Suetónio prescinde dos relatos históricos das *Res gestae* ou dos *Fastos de Preneste* e considera significativa, para criar uma toada sentimental, a citação, no estilo directo, do discurso de Valério Messala a pedir a Augusto que aceite aquele título, facto que comove o imperador até às lágrimas, bem como a resposta *ipsis uerbis* de Augusto (*Aug.* 58.2). Não se trata apenas de ornamentos de erudição da parte do biógrafo: Suetónio procura sugerir a sinceridade da afeição que os méritos de Augusto lhe haviam já granjeado.⁹²

Pelo contrário, são mencionadas cartas do rei dos Partos, Artábano, a exortar o cruel Tibério a pôr fim à vida (*Tib.* 66). O próprio Tibério se mostra consciente dos seus defeitos, pelo que se

⁹⁰ Que tem sido identificado com a *Apocolocyntosis* de Séneca. Mas, argumenta BALDWIN, B. 1983, 171, esta teria sido escrita depois da morte de Cláudio, enquanto aquele libro teria aparentemente surgido durante o seu reinado.

⁹¹ Cf. *Ann.* 14.16.1. Existem, nesta *Vida*, omissões que, segundo BALDWIN, B. 1983, 178-179, sugerem polémica com o historiador: a conspiração de Pisão, ao contrário do que sucede com Tácito, é referida de passagem (*Nero* 36.1); Tigelino está flagrantemente ausente, Séneca é indulgentemente tratado, o seu suicídio, forçado por Nero (35.5), não vem ligado à conjura de Pisão e é ignorada a sua apologia de Nero pela morte da mãe; a perseguição aos cristãos (*Nero* 16.2) figura entre as medidas boas de Nero e desligada do incêndio de Roma (em 64 d. C.); e, por outro lado, a versão de Nero incendiário é apresentada como indiscutível (*Nero* 38). Mas as omissões relativas a Séneca e Tigelino, a atribuição da culpa do incêndio exclusivamente a Nero, e não aos cristãos, podem explicar-se, como também acontece com Sejano, pelo critério da biografia, que tende a centrar-se no imperador. O facto de Suetónio referir apenas de passagem a conjura de Pisão não prova qualquer tipo de polémica: revela apenas diferença de método.

⁹² Como se dissera em *Aug.* 57.1. Cf. GASCOU, J. 1984, 218-220 e 549. Deve tratar-se de uma citação das memórias ou da autobiografia de Valério Messala Corvino.

cita o exórdio de uma carta ao senado,⁹³ onde o príncipe se apresenta bastante sofredor (*Tib.* 67.1). Segundo algumas fontes anónimas,⁹⁴ Tibério previra muito antes a *acerbitas e infamia*. À luz dessa consciência, o biógrafo interpreta dois excertos de discursos ao senado em que recusa, no início do reinado, o título de Pai da Pátria, para, mais tarde, não frustrar as expectativas (*Tib.* 67.3-4).⁹⁵

A hostilidade pública a Nero é comprovada com a transcrição de versos satíricos em latim e em grego: Nero mostra, neste campo, surpreendente paciência (*Nero* 39.1-2). Mas, acerca do amor, que muitos dedicavam a este imperador controverso, Suetónio pode apresentar, como prova, uma lembrança do próprio —*adulescente me* (*Nero* 57.2)— sobre o êxito que, vinte anos depois da sua morte, obteve entre os Partos alguém que se fez passar por Nero, o que mostra que o imperador artista tinha os seus apoiantes, sobretudo no Oriente.

A narrativa da morte tende a acarretar a menção de testemunhos díspares, e é, por isso, um dos locais (os outros são os temas dos antepassados e do nascimento) onde se concentra maior referência, por vezes polémica, a fontes diversas. Para provar que o aparecimento em Cápua de uma inscrição a anunciar a morte de César não é história *fabulosa aut commenticia*, apoia-se na autoridade de Balbo, amigo íntimo de César (*Jul.* 81.2).⁹⁶ A descrição linear da morte de César é completada com referência a fontes anónimas (*tradiderunt*) que transmitem a famosa exclamação, em grego, a Bruto: «Também tu, meu filho?!» (*Jul.* 82.2).

Ao descrever a morte de Tibério (*Tib.* 73.2), o biógrafo começa por citar fontes anónimas — *sunt qui putent; alii, nonnulli* —, para terminar com o relato de Séneca. A primeira das fontes anónimas aponta o dedo a Gaio Calígula, mas Suetónio não comenta, apenas se limita a indicar outras versões, que não são totalmente contraditórias.

Faz-se um relato *duplex* da morte de Calígula (*Cal.* 58.2), que divide as fontes anónimas: *alii ...alii*. Também morte de Galba é descrita com apresentação das versões díspares: *Sunt qui tradant ... Plures autem prodiderunt* (*Gal.* 20.1). Mais discrepantes são as versões do envenenamento de Cláudio, que incidem sobre *ubi* e *per quem* (*Cl.* 44.2): *quidam* apontam um jantar com os sacerdotes e o *praegustator* Haloto; *alii* falam de um banquete em casa, Agripina e um cogumelo envenenado.⁹⁷ Igual discrepância em relação ao processo

⁹³ GASCOU, J. 1984, 483, vê aqui um indício da consulta dos *acta senatus*. Mas o facto de Tácito também reproduzir textualmente o excerto (*Ann.* 6.6.1) sugere que o mesmo circularia nas fontes históricas sobre este principado.

⁹⁴ *Tib.* 67.2: *Existimant quidam*.

⁹⁵ Certamente uma recolha de discursos: cf. GASCOU, J. 1984, 273 e 505 n. 196.

⁹⁶ Cf. *Jul.* 78.1: Balbo é por alguns (*quidam putant*) ligado a mais uma das causas do assassinio: quando César se não levantou perante os membros do senado. Suetónio pode ter encontrado o testemunho de Balbo nas suas memórias; cf. Sidónio Apolinar, *Ep.* 9.14.7.

⁹⁷ Esta era a versão popular referenciada em Marcial, 1.20.4; Juvenal, 5.147-148 e 6.620-623. Mas Nero, na sua *Vida* (33.1), é responsabilizado por este crime: *cuius necis etsi non auctor, at conscius fuit*. Paralelamente ao que aconteceu com Calígula (12) em relação à morte de Tibério, a versão apresenta importantes novidades, que Suetónio parece guardar para, no lugar apropriado, caracterizar o novo imperador. Ou então selecciona o relato de uma fonte hostil ao novo imperador, por querer apresentar um retrato coerente: este relato encontra-se na parte negativa de Nero (20-57).

subsequente (*Cl.* 44.3): *multi* falam de sofrimento até à morte, que se dá *prope lucem*;⁹⁸ e *nonnulli* apresentam uma versão mais sórdida de sucessivos envenenamentos. O relato da morte de Domiciano não é polémico, mas Suetónio completa-o com o testemunho da sua última fonte citada: o *puer* (*Dom.* 17.2) que assistira ao assassínio.

A morte de Nero, apresentada em narrativa contínua (*Nero* 47-49), sem recurso a versões, poderá ter como fonte um género existente: *exitus uirorum illustrium*. De qualquer modo, no texto, aparecem informações arqueológicas precisas sobre a localização da casa de Fáon (*Nero* 48.1) e o túmulo dos Domícios (*Nero* 50).

Em *Otho* 10, ao tratar da aversão de Otão às guerras civis, o biógrafo identifica a fonte, que será certamente a fonte principal desta *Vida*: as memórias de seu pai, Suetónio Leto, angusticlavo da décima terceira legião, que visam dar consistência à imagem heróica do imperador.⁹⁹ No relato corajoso da morte (*Otho* 11), feito certamente pelo pai de Suetónio, não há polémica entre as fontes.

A propósito da morte de Tito, e da dúvida que ficara do *factum paenitendum* (*Tit.* 10.2), é apresentado o testemunho de Domícia, esposa de Domiciano, que jura não ter tido qualquer comércio com Tito, porque, se o tivesse, se vangloriaria, como fizera em todos os adultérios. Perdura a dúvida, mas a reputação deste imperador é salvaguardada.

Documentos importantes são os testamentos dos imperadores. Suetónio serve-se do testemunho de Quinto Tuberão (*Jul.* 83.1), para provar que o primeiro testamento de César, lido numa assembleia de soldados, designava Pompeio como herdeiro. Tal facto contribui para diminuir a culpa de César na guerra civil e encarecer a sua clemência. Também as *Vidas* de Augusto e de Tibério terminam com a citação dos respectivos testamentos (*Aug.* 101; *Tib.* 76).

Em conclusão, Suetónio cita e mistura fontes de todo o género: rumores; relatos de testemunhas oculares, documentos de arquivos familiares ou públicos, cartas familiares. Apresenta, como provas arqueológicas, estátuas, inscrições, grafitos, objectos, monumentos, lugares. Cita-se este tipo de fontes aparentemente para rebater opiniões de outros — sejam eles declarados, como o defunto Plínio, ou omitidos, como as fontes de algumas divergências na tradição e que aparecem reflectidas nos textos de Plutarco e Tácito —, quando acha que o assunto é controverso, quando o facto é menos conhecido ou para quando quer tornar verosímil uma afirmação. Onde o biógrafo parece demonstrar maior precisão e crítica é a

⁹⁸ Séneca, *Apoc.* 2.2, diz que a morte ocorreu entre a sexta e a sétima hora: cf. RENARD, M. 1937, 12.

⁹⁹ A par desta fonte oral, naturalmente favorável, Suetónio deve ter usado também uma fonte literária: muito provavelmente Júlio Secundo, *ab epistulis* de Otão e, segundo se pensa, autor de uma biografia deste imperador; cf. Plutarco, *Oth.*, 9.3. Parece que teria sido o primeiro procurador equestre *ab epistulis*, o que não deixaria de ter algum significado para Suetónio: cf. GASCOU, J. 1984, 295-316.

propósito do momento e lugar do nascimento (*Aug. 5 ss; Tib. 5; Cl. 2.1; Gal. 4.1; Ves. 2.1; Tit. 1; Dom. 1.1*).¹⁰⁰

Uma característica de Suetónio é a citação literal: transcreve excertos (por vezes apenas palavras isoladas) e dá-lhes um valor demonstrativo. Tal preocupação pode parecer-nos banal nos nossos dias, como observa Gasco, mas Suetónio afasta-se dos historiadores tradicionais do seu tempo: Tácito quase só reproduz discursos, refeitos pelo seu génio retórico, e raramente cita cartas; Plutarco segue a tradição dos historiadores na composição dos discursos.¹⁰¹ Os edictos têm força de lei, não mentem à história, uma vez que eles mesmos fazem a história política. Mas, como vimos, Suetónio não pretende fazer história política.

Na biografia, nem sempre os documentos oficiais são a melhor prova. Uma simples carta familiar pode dizer mais sobre o biografado do que muitos edictos. Ora as cartas de Augusto ganham maior autoridade, quando se verifica que se não citam cartas de qualquer outro sucessor.¹⁰² A frequência do uso de escritos de Augusto contrasta também flagrantemente com a ausência do recurso aos escritos de César, na primeira das *Vidas*. O biógrafo mostra que tem conhecimentos precisos das cartas de César (*Jul. 56.6*), mas não as indica como fonte. Parece haver uma cedência de Suetónio ao fascínio da figura de Augusto: entre as fontes documentais, os escritos do fundador do principado predominam e arrastam-se até à *Vida* de Nero. O facto de Suetónio descrever o código usado nas cartas secretas de César sugere que tenha consultado os autógrafos, mas o biógrafo não o diz explicitamente, como faz no caso das cartas de Augusto e dos poemas de Nero. De qualquer modo, Suetónio parece usar mais fontes do que cita. Serviu-se certamente de obras de propaganda ou de circunstância, panfletos, panegíricos, recolhas de belas palavras, colecções de anedotas, memórias e outros escritos.

As fontes literárias podem ser usadas como anónimas: a indicação do nome não é prioritária. Mas os autores nomeados pertencerão todos ao tempo de César e Augusto. A *Vida* de César é a que tem maior referência a fontes literárias, mas, por outro lado, o confronto com as outras *Vidas* faz ressaltar a ausência de fontes não literárias — que provavelmente não existiam em abundância: o período era conturbado e os incêndios frequentes; Plutarco também não as cita

¹⁰⁰ Cf. com. de GUAPELLA, G. 1992, 102.

¹⁰¹ GASCOU, J. 1984, 546-548.

¹⁰² Aqui Suetónio está com os seus contemporâneos, pois vários fazem referência às cartas de Augusto, mas nenhum deles cita cartas de qualquer dos imperadores de Tibério a Domiciano: vide WALLACE-HADRILL, A. 1984, 91-96. LEVI, M. A. 1937, 1-24, parece concordar com a posição de CLASON e CIACERI, por ele citados, de que Suetónio se não serviu de fontes de arquivo, nem de grande pluralidade de autores (como fazem pensar as variadas citações), mas que terá seguido somente duas fontes bem informadas; que não pesquisou nos arquivos as cartas de Augusto; que não teve acesso às *Res gestae* e que cita sobretudo em segunda mão. DE CONINCK, L. 1980-1981, 387-401; ID. 1983 (v. p. 216-218); ID. 1991, 3675-3699, é de opinião que Suetónio não terá feito uma pesquisa sistemática nos arquivos, uma vez que as suas citações das cartas de Augusto não diferem muito de outros autores que não tinham a posição privilegiada do *ab epistulis* de Adriano; as referências indirectas a documentos desmentem a preocupação de uma pesquisa sistemática, e os vários equívocos, que poderiam ser evitados com a consulta de documentos, sugerem que os não leu. Para BALDWIN, B. 1983, 48, a familiaridade com a correspondência de Augusto não prova o acesso ou o uso dos arquivos imperiais. Diferente opinião tem GASCOU, J. 1984, 465 ss., especialmente 502, que defende o uso, por parte do biógrafo, de documentos em primeira mão e dos manuscritos das cartas de Augusto, embora não de forma sistemática; mas WALLACE-HADRILL, A. 1984, 92, alerta para o perigo de cair nos preconceitos modernos sobre os arquivos confidenciais de governo e do seu uso pelos historiadores.

— nem mesmo os *acta senatus*, de cuja publicação Suetónio refere o início.¹⁰³ A maior parte das citações fundamentam qualidades importantes do carácter de César: a ambição da ditadura, a *impudicitia* e o adultério, em contraste com a moderação na bebida e na bebida, uma boa cultura literária, e clemência em relação aos inimigos. O relato torna-se mais verosímil quando se apresentam fontes hostis a defender virtudes e fontes favoráveis a apontar os vícios.

Na *Vida* de Augusto, as fontes literárias continuam presentes a atestar aspectos importantes da vida do imperador, mas a polémica, que surge muitas vezes na *Vida* de César e se mantém nos capítulos iniciais da *Vida* de Augusto, esbate-se. A única fonte, verdadeiramente hostil, citada com abundância é, ainda assim, António.¹⁰⁴

Na *Vida* de Tibério, a falta de indicação das fontes e de polémica assume contornos opostos ao caso de Augusto. Deste, o balanço é positivo, enquanto de Tibério a narração é marcada pela hostilidade, sem deixar, no entanto, de referir os aspectos bons na primeira parte do governo. Ficam provados os *uitia naturae* de Tibério pela opinião autorizada de Augusto, quer pelas várias anedotas relatadas.¹⁰⁵ Suetónio terá também usado, como fontes, Aufídio Basso e Servílio Noniano. Para Calígula, os autores concordam que Suetónio seguiu, para os capítulos do *monstrum*, uma ou várias fontes hostis. Além do *Bellum Iudaicum* e das *Antiquitates Iudaicae* de Flávio Josefo, supõe-se que o reinado de Calígula era coberto pelos anais de Aufídio Basso, e eventualmente os de Servílio Noniano, pelas memórias de Agripina e, para o final do reinado, por Clúvio Rufo. Como fonte principal, tem sido, com dúvida, apontado Clúvio Rufo, tanto para o reinado de Calígula como para o do seu sucessor imediato.¹⁰⁶ A

¹⁰³ *Jul.* 20.1.

¹⁰⁴ As fontes literárias (Cássio de Parma; Aquílio Nigro; Júlio Saturnino; Cremúcio Cordo; Valério Messala; Cornélio Nepos; Júlio Mátrato; Gaio Druso; e Asclepiades de Mendes) são todas contemporâneas de Augusto. Para LEVI, M. A. 1937, 19-22, são talvez citações em segunda mão e escondem a verdadeira fonte; e, à parte Asclepiades, são citados em relação a particulares secundários das suas obras. Dos nomes referidos, Aquílio Nigro, Júlio Saturnino, Júlio Mátrato e Gaio Druso são conhecidos somente através da notícia de Suetónio. LEVI considera Cremúcio Cordo uma fonte provável para a parte das guerras civis, que é hostil a Augusto; para a parte da vida privada, Suetónio terá seguido uma fonte posterior à vida de Augusto, talvez Aufídio Basso ou Servílio Noniano. Diferente opinião parece ter SCHWARTZ, J. 1948a, 159-162, uma vez que apresenta Cremúcio Cordo como fonte de *Aug.* 30, um capítulo favorável sobre a actividade urbanística de Augusto. GASCOU, J. 1984, 241-242, contesta a redução, proposta por LEVI, a duas fontes e rejeita a ideia de uma obediência acrítica às fontes por parte do biógrafo.

¹⁰⁵ O relato das torpezas de Tibério em Cápreas (*Tib.* 42-45) apresenta semelhanças com Tácito (*Ann.* 1.4.; 4.57; 67; 6.46; 51), o que faz pensar em uma fonte comum desaparecida. O facto de nem Dión Cássio nem os dois Plínios se referirem a tais rumores, e de estes crimes aparecerem em Suetónio e em Tácito associados ao secretismo do lugar, aponta para uma fonte panfletária, aceite pelos sucessores, que eram da família de Germânico: cf. MARTIN R. 1991, 153-157. Segundo BUTTREY, T. V. 1973, 52-63, Suetónio ter-se-á inspirado, para a descrição das torpezas sexuais de Tibério em Cápreas, nas cenas eróticas representadas em fontes de carácter numismático: as medalhas conhecidas como *spintriae*. GASCOU, J. 1984, 540-541, contesta esta tese, porque a descrição de Suetónio se não coaduna com os motivos dessas medalhas.

¹⁰⁶ Há quem pense ser Clúvio Rufo o mencionado por Flávio Josefo, *AJ* 19.91-92, no contexto da morte de Calígula: vide MOMIGLIANO, A. 1932, 293-336. Este autor afirma que Clúvio Rufo é a fonte comum de Suetónio e Cássio para Calígula e Cláudio. A lacuna do texto de Tácito, nestes dois principados, não permite saber se ele também o seguiu. TOWNEND, G. B. 1960, 98-120, encontra várias citações em grego que ocorrem em contexto hostil (*Cal.* 22.1; 22.4; 29.1 e 47 e em *Cl.* 15.4; 40.3 e 42.1), as quais só poderiam provir de um escritor de crónicas escandalosas (um género menor), provavelmente Clúvio, pois era hábito, entre os escritores de *Annales*, traduzirem o grego para latim. Vide ID. 1961b, 227-248. Mas tal opinião é contestada por WARDLE, D. 1992, 466-482. Em seu entender, nem todo o grego citado por Suetónio aparece em contexto hostil e Clúvio Rufo era um escritor de *Annales*, não de crónicas escandalosas. GASCOU, J. 1984, 281-293, refuta os argumentos

hostilidade de Suetónio para com Cláudio teria determinado a escolha das suas fontes: a *Apocolocyntosis* de Séneca fornecia pormenores pitorescos e satíricos.¹⁰⁷ Para este principado, Suetónio teria à disposição historiadores: além de Clúvio Rufo já referido, o testemunho de Plínio-o-Velho, cuja obra continua a das *Histórias* de Aufídio Basso, que terminava durante o reino de Cláudio.¹⁰⁸ Plínio, juntamente com Clúvio Rufo, Fábio Rústico, será certamente também fonte da *Vida* de Nero,¹⁰⁹ e dos imperadores do ano 69 (Galba, Otão, Vitélio).¹¹⁰ A referida obra de Plínio terá sido ainda usada como uma das fontes das *Vidas* dos Flávios.¹¹¹ Mas, à parte a breve referência a Plínio (*Cal.* 8), a completa ausência destes autores de peso mostra o quanto a indicação das fontes é pouco importante para Suetónio. O biógrafo não se sente obrigado a fundamentar todas as afirmações principais.

É verdade que o juízo do biógrafo reflecte, em geral, a origem fortemente senatorial das fontes. Mantém-se a tradicional hostilidade aos imperadores que mais afrontaram a poderosa ordem. Mas, no caso de Otão, parece predominar a influência do pai do biógrafo, cavaleiro e tribuno nas hostes daquele imperador. Otão recebe, por isso, da parte de Suetónio, um tratamento mais favorável do que o que lhe concede o senador Tácito; e, por consequência, a figura de Galba, imperador ligado ao senado, aparece mais negra do que nas outras fontes sobreviventes.¹¹²

O facto de não haver preocupação de indicar as fontes — no total das *Vidas* as citações mostram-se escassas — também contribui para desmentir a tese de que Suetónio escreve como simples erudito. Não se pretende negar que Suetónio o seja, mas as *Vidas dos Césares* não se reduzem a uma obra de erudição. A maior parte das fontes indicadas figura em contextos que

quer de MOMIGLIANO, quer de TOWNEND, por se basearem em premissas frágeis. Vide intr. ao com. de WARDLE, D. 1994, 30-54.

¹⁰⁷ RENARD, M. 1937, 5-13, refere muitos exemplos de paralelismo entre aquela obra de Séneca e a *Vida* de Cláudio.

¹⁰⁸ Vide MOMIGLIANO, A. 1932, 293-336. Este autor procura demonstrar que Suetónio e Díon usaram a mesma fonte para o período de Messalina: Clúvio Rufo. Para o período seguinte acrescenta Plínio, sem afastar a contribuição do primeiro. Esta teoria é contestada por GASCOU, J. 1984, 281-293.

¹⁰⁹ Vide MOMIGLIANO, A. 1932, 323-336; intr. ao com. de WARMINGTON, B. H. 1999², xi-xii.

¹¹⁰ Cf. intr. ao com. de MURISON, Ch. L 1992, xii.

¹¹¹ Vide. intr. aos coms. de BRAITHWAITE, A. W. 1927, xiii-xiv; de JONES, B. W. 1996, x-xiii; e de CESA, M. 2000, 9-10.

¹¹² Cf. com. de VENINI, P. 1977, 5; GASCOU, J. 1984, 301-302.

se prendem com uma fundamentação de importantes qualidades do carácter e só uma minoria aparece em contexto meramente informativo.

Mas, além das fontes que referimos, escassas no cômputo geral, Suetónio, sem elaborar longos discursos, transcreve falas das suas personagens no discurso directo e indirecto — essas sim, em abundância, pois, na linha do que nos diz Plutarco no prefácio do seu *Alexandre* (1), um evento menor ou um dito de espírito dizem mais sobre o carácter do que grandes batalhas.